

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM EDUCAÇÃO

ANGELA CRISTINA DOS SANTOS

**AS REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS ESCOLARES  
SOBRE A CIRCULARIDADE DE SABERES DA BIBLIOTECA**

BELÉM  
2013

ANGELA CRISTINA DOS SANTOS

**AS REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS ESCOLARES  
SOBRE A CIRCULARIDADE DE SABERES DA BIBLIOTECA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará.  
Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Projeto Político-Pedagógico.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria Josefa de Souza Távora.

BELÉM  
2013

**Dados Internacionais de Catalogação - CIP**  
**Biblioteca do Curso de Mestrado da UFPA, Belém - Pa**

---

Sa596f Santos, Angela Cristina dos

As representações dos sujeitos escolares sobre a circularidade de saberes da biblioteca / Angela Cristina dos Santos; Orientadora Maria Josefa de Souza Távora. - Belém: UEPA, 2013.

95f.

Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará.

1. Biblioteca Escolar. 2. Representações - Sujeitos. 3. Educação I. Távora, Maria Josefa de Souza. II. Título.

CDD 027.8

---

Aos meus pais Maria Angela, Marieta e Edyr Falcão (in memoriam), incansáveis nos exemplos de vida, na construção do caráter, da ética e do amor.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela oportunidade da vida.

A minha mãe Maria Angela dos Santos, que com seu trabalho honrado, me permitiu a oportunidade nos estudos e incentivos na vida.

A minha tia e mãe do coração Maria do Perpétuo Socorro Nascimento Falcão e ao meu tio e pai do coração Edyr José Pereira Falcão (in memoriam), pelo encaminhamento nos estudos, na vida profissional e familiar.

A prima e irmã do coração Prof<sup>a</sup>. Msc. Edilene Falcão Sarges pelo exemplo de dedicação nos estudos e no trabalho, e pelo direcionamento de minha profissão como professora, que me trouxe a esse momento especial de defesa da minha dissertação.

A minha irmã pelo respeito às minhas decisões profissionais e familiares.

Aos primos que sempre me apoiaram e aconselharam.

Ao meu marido, companheiro, cúmplice e amigo pelo apoio nos estudos durante as madrugadas mal dormidas pelo manancial de leituras.

As minhas sogras Ana Maria de Souza Soares e Zelândia Soares pelo incentivo em meus estudos e pela crença no meu potencial.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria Josefa de Souza Távora pela compreensão, respeito às minhas posições e contribuições acadêmicas para o desenvolvimento de um olhar mais epistemológico sobre o objeto de meu trabalho.

Aos amigos do Mestrado, 7<sup>a</sup> turma, pelas longas discussões de textos e companheirismo na caminhada acadêmica.

Aos meus amigos Izabel Santos, Lígia Acácio, Alcemir Pantoja e Conceição Brayner, pelo compartilhamento e amadurecimento das ideias durante as discussões de estudos.

Aos professores do Mestrado pelas constantes indagações acerca do conhecimento construído.

Aos funcionários do Mestrado, em especial, ao Jorge, Mauro e Francisco, pelo apoio e comprometimento com as informações.

“A biblioteca é a mais antiga e frequente instituição identificada com a cultura. Desde que o homem passou a registrar o conhecimento ela existiu, colecionando e ordenando tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos e papéis impressos. Está presente na história e nas tradições”.

*Luís Milanesi*

## RESUMO

A lei n. 12.244, sancionada pela Presidência da República em maio de 2010, que defende a universalização das bibliotecas escolares e valoriza os formados em biblioteconomia a exercerem sua profissão dentro do ambiente escolar no prazo máximo de dez anos como rotina em todo o País. Portanto, a biblioteca passa a ser um elemento indissociável dentro do ambiente escolar, seja ele considerado público ou particular, contando com a presença constante de um profissional da informação, reconhecido como bibliotecário. Nesta pesquisa, que adentra o campo da educação, objetivou-se analisar, a partir das representações dos discentes, o papel da biblioteca dentro do ambiente escolar, buscando, ainda, verificar a relação entre bibliotecários e professores a partir da visão dos alunos e perceber a atuação do bibliotecário dentro desse espaço. O *lócus* da pesquisa situa-se em três escolas públicas de ensino fundamental e médio localizadas no bairro de Canudos situadas no município de Belém - PA. Fizeram parte deste estudo, cento e dez alunos. A pesquisa utilizou a abordagem *qualitativa* com o suporte da concepção teórica das Representações Sociais. Como instrumentos e técnicas foram utilizados a entrevista semi-estruturada e a técnica de associação livre de palavras e entrevistas em profundidade. O conteúdo das entrevistas semi-estruturadas foi analisado através do *Microsoft Office Excell 2013*. As evocações livres foram processadas e analisadas pelo *Software EVOC 2000* (VERGES, 2000) e as entrevistas em profundidade pela análise de conteúdo temático (BARDIN, 2011), respectivamente. Como resultado, os alunos que fizeram parte deste estudo são, em sua maioria, do sexo feminino (90%), localizados na faixa etária de 11 a 15 anos, os quais encontram-se cursando o 6º ano do ensino fundamental. As evocações livres a partir da percepção da palavra biblioteca evidenciaram a objetivação ancorada nas categorias de saberes, cultura, aprendizagem e espaço físico, justificado pelos estímulos de opinião mais importantes e frequentes como leitura, livro, conhecimento, silêncio, paz dentre outros. As entrevistas demonstraram que os discentes se sentiram mais a vontade para falar sobre a finalidade da biblioteca escolar, no que diz respeito à sua participação, ou seja, ida ao ambiente com a presença e ausência dos professores do que na avaliação dos serviços disponibilizados pelo espaço. As representações dos discentes visualizam a biblioteca como um local de cópia, castigo e ditado. O silêncio, materiais impressos, e a falta de contato entre professores e bibliotecários aparecem como maiores problemas que ainda persistem dentro do ambiente escolar, os quais se encontram relacionados à biblioteca escolar.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Representação Social – Sujeitos. Circularidade de Saberes. Educação.

## ABSTRACT

The law n . 12,244 , sanctioned by the president in May 2010 , which supports the universalisation of school libraries and librarianship values graduates to exercise their profession within the school environment within ten years as routine throughout the country Therefore , the library becomes an integral element within the school environment , whether considered public or private , with the constant presence of an information professional , recognized as a librarian . In this research , it enters the field of education , aimed to analyze, from the representations of the learners , the role of the library within the school environment , seeking to further investigate the relationship between librarians and teachers from the perspective of students and realize the role of the librarian within the school environment . The research locus is located in three public elementary and secondary schools located in the neighborhood Straws located in the city of Belém - PA . This study included one hundred and ten students . The research used a qualitative approach with the support of the theoretical concept of social representations . The instruments and techniques used were semi - structured interview technique and the free association of words and in-depth interviews . The contents of semi - structured interviews was analyzed using Microsoft Office Excell 2013. The free evocations were processed and analyzed by EVOC Software 2000 ( VERGES , 2000) and in-depth interviews by thematic content analysis ( Bardin , 2011) , respectively. As a result , students who participated in this study are mostly female ( 90 % ) , located in the age group 11-15 years who are attending the 6th grade of elementary school . The evocations free from the perception of the word library showed the objectification anchored in the categories of knowledge , culture, learning and physical space , justified by the stimuli of the most important and frequent opinion as reading a book , knowledge, silence , peace among others . The interviews showed that students felt more comfortable talking about the purpose of the school library , with regard to their participation , ie , going to the environment with the presence and absence of teachers than in evaluation of services provided by space . The representations of the students visualize the library as a local copy , punishment and dictation . Silence , printed materials , and lack of contact between teachers and librarians appear as major problems that still persist within the school environment , which are related to the school library .

Keywords: School Library . Representations-Subject . Circularity of Knowledge . Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Espaço da biblioteca escolar.....	31
Figura 2 – A biblioteca escolar como espaço de circularidade de saberes .....	40
Figura 3 – Frequência do EVOC .....	69
Quadro 1 - Bairros das Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio do Município de Belém .....	56
Quadro 2 - Ficheiros da pesquisa .....	59
Quadro 3 - CATEVOC - 1º CATEGORIA - SABERES .....	72
Quadro 4 - CATEVOC - 2º CATEGORIA - CULTURA .....	74
Quadro 5 - CATEVOC - 3º CATEGORIA - APRENDIZAGEM.....	75
Quadro 6 - CATEVOC - 4º CATEGORIA - ESPAÇO .....	77

## **LISTA DE SIGLAS**

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

SEDUC - Secretaria de Educação e Cultura

MEC - Ministério da Educação

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político-Pedagógico

UFPA – Universidade Federal do Pará

FABIB – Faculdade de Biblioteconomia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O OBJETO DE PESQUISA</b> .....	<b>12</b>
1.1	EIXO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	15
1.2	OBJETIVOS .....	15
1.3	TIPOS DE ESTUDO.....	17
1.3.1	<b>Local/Sujeitos</b> .....	<b>19</b>
1.3.2	<b>Estratégias para produção e análise de dados</b> .....	<b>21</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTUALIZANDO A BIBLIOTECA ESCOLAR</b> .....	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>A REPRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA NO AMBIENTE ESCOLAR</b> .....	<b>45</b>
3.1	REPRESENTAÇÕES ELABORADAS PELOS SUJEITOS ACERCA DA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	55
3.1.1	<b>Enfatizando a visão dos alunos</b> .....	<b>60</b>
3.1.1.1	Olhando a biblioteca a partir das representações sociais dos alunos.....	61
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>80</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>90</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS DO OBJETO DE PESQUISA

A biblioteca está cada vez mais presente nos níveis de ensino, seja ele fundamental, médio e superior, no sentido de organizar e administrar fontes de informação através de recursos didático-pedagógicos, no que diz respeito à atualização e pesquisa dos mais diferentes públicos.

As diferentes necessidades e o uso intensificado da informação dos distintos públicos (usuários/leitores) dinamizam a função da biblioteca que, por muitos anos, era considerada um "depositório" de livros, com presença marcante de uma parcela da população que tinha acesso a eles.

A inserção de novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) na escola vem assinalando uma nova compreensão da biblioteca como espaço potencializador de serviços e produtos, sendo pertinente que se estabeleçam diretrizes de planejamento para a gestão interna e externa da biblioteca, no sentido de contribuir com as ações educacionais.

A biblioteca é considerada uma fonte de informação, pois em seu ambiente, seja ele virtual ou material há uma constante circularidade de saberes científicos e saberes do senso comum aonde pressupõe-se que seja possível ler e também se expressar de diferentes maneiras. Mas passa-se a constatar que na sociedade contemporânea "a paixão nacional do brasileiro não é a leitura", pelo menos não se observa a divulgação de práticas de leitura nas mídias impressas e/ou virtuais. Percebe-se que, a necessidade da formação de um cidadão vem de sua associação com o mundo. Portanto, a leitura passa a ser indissociável do conhecimento, conhecimento este formado, hoje, pelo excesso de informações existentes nos meios virtuais, os quais se encontram amparados pelas TIs. Segundo Jenkins (2009), há mais de uma década, o público tem deixado uma posição predominantemente passiva e acomodada para ocupar um novo lugar no processo informacional.

O processo informacional, ou seja, as novas tecnologias são resultantes do processo de questionamento, de inquietações acerca de se obter informações globalizadas que possam estar disponíveis a qualquer hora e tempo.

Assim, a biblioteca no ambiente educacional tem como função desenvolver, também, atividades de ensino, cultura e lazer, além de despertar o gosto pela leitura,

preparando o indivíduo para assumir uma atitude crítica diante dos problemas de uma sociedade mutante e interconectada na aldeia global. Em decorrência, a preocupação na busca pela qualidade do ambiente educacional perpassa diretamente pela presença das bibliotecas e bibliotecários no ambiente de ensino e aprendizagem. É nesse âmbito, que compreendemos o Projeto Político-Pedagógico (PPP), como norteador das ações da escola e, no caso da biblioteca, como ação coletiva, reflexiva, que pressupõe, de um lado, rupturas com o instituído e, de outro, a valorização da memória, da história da Instituição que o abriga como espaço de circularidade de saberes.

No que diz respeito à importância da biblioteca no ambiente educacional, esta deveria ser um espaço para desenvolver e "fortificar" as competências necessárias para sobreviver na sociedade da informação, na qual o uso intensificado de tecnologias da comunicação pudessem ser uma constante nas relações com as pessoas.

Logo, "numa sociedade letrada, caracterizada por uma abundância de informações, fica evidente a necessidade de preparar crianças e jovens para serem usuários competentes da escrita, capazes de selecionar e interpretar criticamente as informações" (CAMPELLO, 2008, p.7).

Essa importância na preparação das crianças para serem usuários competentes ainda está distante, em decorrência de somente um quarto da população no Brasil ter atingido o nível pleno de leitura e escrita, pois a realidade social nos mostra que a maioria dos alunos não pode ser considerada alfabetizada mesmo ao concluir o 4º ano do ensino básico. Além do mais, a maioria dos brasileiros entre 15 e 64 anos, que estudaram da 1ª à 4ª série (52%), atingem no máximo o grau rudimentar de alfabetismo. E ainda mais grave: 9% desses indivíduos podem ser considerados analfabetos absolutos em termos de habilidades de leitura/escrita (MORAIS, 2013).

Contudo, esse local que incentiva a busca de conhecimentos não deveria ser concebido apenas como um lugar de guarda, empréstimo ou devolução de materiais e sim, como um espaço de circularidade de saberes composto de acervo e usuários que estabelecem relações com o seu espaço e a sua cultura.

Assim, toda biblioteca conserva a lembrança dos antepassados científicos e não científicos vivendo do sonho arqueológico, arquitetônico e nostálgico de memórias já perdidas e reconstruídas que a fazem falar (BARATIN; JACOB, 2000).

A biblioteca como ambiente integrador da escola, deve participar de todas as atividades existentes, desenvolvendo o senso crítico do aluno no processo de formação intelectual, seja com a leitura ou com outras formas de interação; portanto, "a biblioteca escolar, mais do que um estoque de conhecimentos, pode constituir-se em um espaço adequado para desenvolver, nos alunos, o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea" (CAMPELLO, 2008, p.7).

Cabe ao ambiente escolar e as pessoas que nele atuam, entender que a interação entre professores e bibliotecários, proporcionará ao aluno, uma nova forma de aprendizagem. É o que Bastos e Romão (2012) corroboram ao lembrar que, o profissional presente dentro do ambiente da biblioteca escolar muitas das vezes [em sua grande maioria] é um professor que ao ser prejudicado por doença, velhice ou fastio pedagógico, é relocado naquele local, considerado pela gestão escolar, como um local de repouso, de calma até que esteja apto a voltar a exercer suas funções, ou, apareçam novas oportunidades.

Neste sentido, a concepção que se tem da biblioteca é que esta é somente um local de silêncio, mas que passa a ser também local de recolocação de professores para o trabalho administrativo da escola, em virtude do afastamento da sala de aula por vários problemas, dentre os quais se destaca a saúde (BASTOS; ROMÃO, 2012).

Considerando o acima exposto, para a escolha do objeto investigado, levou-se em consideração a inquietação, enquanto aluna do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará (UFPA), sobre a importância da representação do bibliotecário e da biblioteca escolar a partir do olhar externo (ou seja, de alunos e professores). Essa ideia tomou maiores proporções a partir de leituras sobre a literatura existente que, dada a sua escassez, suscitou-nos o desejo de realizar esta pesquisa. Outro fator a considerar, foi a busca de conhecimentos na área pesquisada e possíveis contribuições que a pesquisa possa oferecer em nível local e nacional. Logo, caberá ao profissional da informação habilitar-se no domínio de políticas públicas, gestão e financiamento da educação, e propor diálogos com profissionais de diversas especialidades. Atuar na educação vai além do exercício descompromissado e restritivo que é possível ter na área de Biblioteconomia. Parte-se assim, da concepção da criação de um eixo teórico-metodológico para o desenvolvimento da pesquisa iniciada a partir das inquietações que se seguem.

## 1.1 Eixos teórico-metodológicos da pesquisa

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito em anos alternados: em um ano são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos. Já no ano seguinte são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. (BRASIL, 2012)

É sabido que a eficácia de programas educacionais desenvolvidos pelo governo federal, como o PNBE, depende da atuação conjunta e positiva de muitos fatores, que vão, por exemplo, desde a linguagem, ideologia e organização do documento a fatores de ordem administrativa das Secretarias de Educação (SEDUC), tais como, recursos financeiros para sua implementação e disponibilização de tempo para os professores desenvolverem suas ações (BRASIL, 2012). Assim, dada à relevância da temática em questão, nos propusemos a esclarecer a seguinte questão, objeto da presente pesquisa: como ocorre a atuação do profissional que se encontra presente na biblioteca a partir da expectativa dos sujeitos escolares?

Este problema suscitou outras questões que se fizeram necessárias:

- Quais os aspectos convergentes e divergentes entre a atuação do bibliotecário escolar e sua formação profissional?
- De que forma deve acontecer a atuação do bibliotecário dentro do ambiente escolar?
- A formação do profissional bibliotecário atende às expectativas dos sujeitos escolares?

## 1.2 Objetivos

Dentro da conjuntura de mudanças da Sociedade da Informação e, conseqüentemente, do mercado de trabalho do bibliotecário, ressalta-se a importância da educação continuada deste profissional. Silva e Cunha (2002) estabelecem que os novos perfis profissionais privilegiam a criatividade, interatividade, flexibilidade e aprendizado contínuo. “As habilidades e conhecimentos que são adquiridos ao longo da vida não superam a necessidade de uma educação permanente, voltada às mudanças reais ocorridas em seu ambiente profissional” (OLIVEIRA, 1999, p. 4).

A presente pesquisa objetivou refletir sobre a ênfase dada na formação do bibliotecário, no que diz respeito a procedimentos, orientações didático-metodológicas e outros. Entende-se que não vivenciar as atividades de leitura e discussão dos conteúdos e atividades nesse processo implica em entender que as reflexões sobre o saber fazer estão distanciadas de uma compreensão teórica, pois sabemos que não se muda todo um *habitus*<sup>1</sup> do professor só porque ele vivenciou algumas práticas metodológicas de formação.

Não podemos deixar de considerar que o processo da transposição feito pelo bibliotecário implicará em mudanças, uma vez que é intrínseca a toda transposição didática<sup>2</sup> a construção de saberes. Essa construção não pode ser entendida apenas como repasse de conteúdos e/ou metodologias, ela se dá com a "cor local", o *habitus* do bibliotecário. Seu conjunto de saberes permitem construir todos juntos o saber dessa transposição. Daí, não poderemos separar conhecimentos teóricos de conhecimentos práticos e vivências do bibliotecário, uma vez que eles se interligam. É necessário que se deva dar ênfase em dizer como fazer, comprometendo-se com as bases de sustentação teórica e questionamentos que possibilitem as mudanças de qualquer prática educativa, e isso tudo deve acontecer

---

<sup>1</sup> *Habitus* - certas disposições adquiridas na e pela prática, podem transforma-se num estilo de ensino e até mesmo em traços da "personalidade profissional": manifestam-se através de um saber-ser e de um saber-fazer pessoais e profissionais validados pelo trabalho cotidiano (TARDIF, 2002, p. 49).

<sup>2</sup> Aprender, pôr em prática uma inovação supõe um processo complexo, mas essa complexidade é superada quando a formação se adapta à realidade educativa da pessoa que aprende. Para que seja significativa e útil, a formação precisa ter um alto componente de adaptabilidade à realidade diferente do professor. E quanto maior a sua capacidade de adaptação mais facilmente ela será posta em prática em sala de aula ou na escola e será incorporada às suas práticas habituais (IMBERNÓN, 2006, p. 17).

partindo de um conhecimento contextualizado. Nessa perspectiva teórica, os objetivos deste estudo estão assim delimitados:

- Analisar os olhares dos sujeitos escolares sobre a atuação do profissional que se encontra presente na biblioteca;
- Verificar os aspectos que convergem e divergem na atuação do bibliotecário e dos professores dentro do espaço da biblioteca escolar;
- Perceber a interação entre discentes e bibliotecário dentro do espaço da biblioteca escolar, no que diz respeito às expectativas dos sujeitos escolares.

### **1.3 Tipo de estudo/métodos**

Definido o que se pretendeu estudar, deparamo-nos com a necessidade de buscar os procedimentos metodológicos e o instrumental técnico selecionado na intenção de se obter os melhores dados. Neste momento, o pesquisador cumpriu o traçado do caminho sistematizado, selecionando as principais estratégias para a execução do projeto, o tipo de pesquisa adotada, a indicação dos métodos e técnicas necessários para a coleta dos dados, a seleção e localização das fontes de informação, a configuração do universo da pesquisa e a técnica de amostragem. Seguiu-se este mesmo percurso tendo em vista os objetivos que alicerçam esta pesquisa.

Desta forma, direcionou-se a pesquisa a partir da abordagem europeia da Teoria das Representações Sociais (TRS), fundamentada em Moscovici (2003), tendo como apoio complementar Ens, Villas Bôas e Behrens (2013) denominada de abordagem estrutural, que se fundamenta no desvelamento do Núcleo Central - NC e do Núcleo Periférico - NP. Utilizou-se, ainda, uma metodologia de múltiplas técnicas ou multimétodo, por meio de procedimentos quantitativos e qualitativos, de modo a apreender as representações sociais de discentes acerca das representações da biblioteca escolar na escola pública. (GONÇALVES, 2010)

Para Coutinho et al. (2003), ao se trabalhar a abordagem multimétodo se pretende investigar objetos sociais, que busca encontrar nos participantes, dificuldades de expressão simbólica, permitindo apreender as representações sociais de diferentes formas abordando, por meio das falas, atitudes, opiniões dos

atores sociais que, muitas vezes, se apresentam em desacordo com as normas contextuais com as quais os sujeitos convivem.

De posse da definição do tipo de pesquisa adotado para esse estudo, com a ideia de um exame mais profundo das interações teóricas entre os sujeitos, do modo como essas interações ocorrem e em que condições ocorrem em determinados contextos, optou-se por uma abordagem qualitativa.

Com relação à pesquisa qualitativa, Gamboa (2002, p. 43), diz que nesta abordagem "o pesquisador precisa tentar compreender o significado que os outros dão às suas próprias situações". Tarefa está realizada segundo uma compreensão interpretativa e primeira ordem de interpretação das pessoas, expressa em sua linguagem, gestos etc. Lembra ainda que "o pesquisador procura compreender a natureza da atividade em termos do significado que o indivíduo dá à sua ação".

Para Flick (2004, p.22), "a pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado. Várias abordagens teóricas e seus métodos caracterizam as discussões e a prática da pesquisa". Segundo o autor, os pontos de vista subjetivos são um primeiro ponto de partida. Ele destaca ainda que esta possui uma variedade de abordagens distintas que são resultado de diferentes linhas de desenvolvimento na sua história. Para Lüdke (2001, p. 47), "a pesquisa dita qualitativa, para se fazer conhecer, depende inteiramente do relato do pesquisador". Para a autora, se ele não for bem feito, fica comprometido todo o conhecimento da própria pesquisa, por mais cuidadoso que tenha sido seu desenvolvimento.

Ao refletir sobre as orientações que encaminharam este estudo, entendemos que quando o interesse crítico-emancipador subsidia qualquer pesquisa, a atividade intelectual reflexiva se organiza para desenvolver a crítica e alimentar a *práxis*<sup>3</sup> (teoria e prática), e esta poderá transformar o real e libertar o sujeito dos diferentes condicionamentos e situações em que possa estar inserido. O interesse emancipatório se insere nas correntes que buscam superar tanto o trabalho alienado como as relações de exploração do homem pelo homem. Nesse sentido, com base nos interesses que orientam a produção do conhecimento, pode-

---

<sup>3</sup> Entendido aqui como um conjunto de atos de um sujeito ativo que modifica uma determinada matéria-prima que lhe é exterior, cujo resultado é um produto no qual são incorporadas alterações durante o processo. Para Marx, *práxis* é a atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade (PIMENTA, 2006, p. 86).

se caracterizar o enfoque científico que adotado nesta pesquisa como crítico-dialético.

O enfoque crítico-dialético<sup>4</sup>, de acordo com Machado (1991), trata de apreender o fenômeno em seu trajeto histórico e em suas inter-relações com outros fenômenos. "Busca compreender os processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades." Para este enfoque o homem conhece para transformar e o conhecimento tem sentido quando revela as alienações, as opressões e as misérias da atual fase de desenvolvimento da humanidade; questiona criticamente os determinantes econômicos, sociais e históricos e procura revelar as contradições que potencializam a ação transformadora. O conhecimento crítico do mundo e da sociedade e a compreensão de sua dinâmica transformadora propiciam ações (práxis) emancipadoras.

Segundo Machado (1991, p. 88-89), "para Marx e Engels o trabalho e a educação são concebidos como integrantes de um único processo em que teoria e prática se articulam". Então, *práxis* significa a relação entre a teoria e a prática, entre o pensar e o agir sobre uma realidade buscando sua transformação. E essa transformação é sempre orientada para a consecução de maiores níveis de liberdade das sociedades e da humanidade como um todo que, em seu projeto, tende a superar as relações de domínio e de exploração do homem.

### 1.3.1 Local/ Sujeitos

As condições de vida e participação social distribuem-se de modo desigual para os sujeitos e grupos que formam uma dada sociedade. Suas possibilidades de ação, de mobilidade social e práticas sociais variam. Nesse sentido, é preciso abrir espaço para a percepção das singularidades, investigar as possibilidades e as impossibilidades que cercam as comunidades mais longínquas, bem como os comportamentos advindos das ações políticas e sociais encomendadas para um

---

<sup>4</sup> A educação é, então, uma atividade humana partícipe da totalidade da organização social. Essa relação exige que se a considere como historicamente determinada por um modo de produção dominante [...] (CURY, 1985, p. 13). Para Konder (2006, p. 8), dialética é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.

público heterogêneo. É preciso considerar os procedimentos e as demandas que os sujeitos devem responder em diferentes situações de seu cotidiano.

Desse modo, buscou-se estudar, tendo em vista os desafios educacionais existentes nesse contexto, as escolas públicas de ensino fundamental que possuam bibliotecas ou salas de leituras presentes na cidade de Belém, a partir dos olhares dos sujeitos presentes nesse espaço.

Certamente, uma amostra mais abrangente traria maior chance de elucidar o problema aqui destacado. No entanto, alguns fatores nos orientaram para a escolha da amostragem e da escola da qual os alunos e professores pesquisados fazem parte:

- As escolas deveriam possuir biblioteca e/ou salas de leituras em seu ambiente escolar;
- Concentrar boa parte de professores com trabalhos voltados à sala de aula e a pesquisa na Biblioteca e/ou sala de leitura;
- O desenvolvimento de projetos escolares para a biblioteca e/ou sala de leitura a partir do projeto político-pedagógico;

Esta pesquisa de caráter qualitativo, realizada essencialmente por meio de trabalho de campo para coleta das informações, utilizou uma amostra formada por 110 (cento e dez) alunos da 5ª série/ 6º ano Ensino Fundamental, das escolas da rede pública de ensino desse município. Os sujeitos pesquisados foram 110 alunos de um total de 200 alunos matriculados. Neste trabalho, eles foram identificados como alunos A, B, C, D....

Para que fosse dado melhor andamento nesta pesquisa, inicialmente, por meio de um documento, comunicamos às gestoras das Escolas sobre a realização da pesquisa, indicando todo o percurso da mesma.

Para as entrevistas semi-estruturadas, cada sujeito foi orientado a respeito do estudo e quais os seus objetivos. Dentre outros cuidados, foi pedida autorização para que o material das entrevistas fossem manuseados e publicados. Conforme entendimento anterior, os sujeitos foram resguardados de qualquer exposição, pois, para Costa (2002, p.21), ciência e ética são indissociáveis, e o conhecimento é "uma das mais belas façanhas do espírito humano, e por isso mesmo, sua produção deve obedecer a preceitos éticos em que, entre outras coisas, a vida digna, a justiça e a paz devem ser preservadas".

### 1.3.2 Estratégias para produção e análise de dados

No que se refere às fontes para este estudo, na pesquisa de campo, como já mencionado, utilizamos a entrevista semiestruturada, ou seja, contendo perguntas pré-determinadas e que pudessem ser acrescentadas ao longo da conversa.

De forma geral, a entrevista neste estudo, não se constituiu de um caráter diretivo ou como mera aplicação de perguntas, mas se desenvolveu numa relação dialógica entre os interlocutores, pois, segundo Bakhtin (1997) o sujeito não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito não pode permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. A aplicação da entrevista semi-estruturada foi realizada coletivamente no ambiente da biblioteca escolar em horários diferenciados, aos alunos. Algumas perguntas foram refeitas posteriormente no intuito de se confirmar ou não, algumas de suas respostas. Portanto, as entrevistas semi-estruturadas constituem um *corpus* com, aproximadamente, 30 minutos a uma hora de preenchimento, contando com a presença do pesquisador.

A abordagem do objeto de estudo foi feita mediante algumas categorias que possibilitaram sua apreensão. A identificação das categorias utilizadas ocorreu durante o processo de investigação tanto teórico quanto empírico. As categorias foram assim definidas, de acordo com o conceito de bibliotecas: saberes, cultura, aprendizado e espaço de pesquisa, que possibilitaram uma análise indicativa da essência da prática docente e, assim, um estudo para além das descrições de suas práticas.

Os dados verbais oriundos das entrevistas semi-estruturadas, foram analisados com o suporte da análise de conteúdo, que se constitui num conjunto de instrumentos metodológicos assegurando objetividade, sistematização e influências aplicadas aos discursos diversos. É atualmente utilizada para estudar e analisar material qualitativo, buscando-se melhor compreensão de uma comunicação ou de um discurso.

Bardin (2011) apresenta uma esquematização dos campos de aplicação da análise de conteúdo, cuja técnica é operacionalizada visando analisar as características de mensagem para receptores distintos, ou em situações diferentes com os mesmos receptores; analisar o contexto ou o significado de conceitos

sociológicos e outros nas mensagens, bem como caracterizar a influência social das mesmas; e, analisar as condições que induziram ou produziram a mensagem. Para se efetivar a análise de conteúdo foi necessário que o pesquisador retomasse constantemente aos objetivos da pesquisa, os quais auxiliaram na determinação e organização do material examinado.

Todas as informações advindas das entrevistas semi-estruturadas foram balizadas entre as questões levantadas e os objetivos iniciais do estudo, vistas sob o aporte teórico proposto, tendo sempre como foco o olhar dos alunos e professores a partir da biblioteca escolar.

Para finalizar essas considerações, que servem como introdução ao texto que resultou nesta dissertação de mestrado, descrevemos, a seguir, a estrutura utilizada para sua exposição:

O capítulo 1 - Traz contribuições, a partir do referencial teórico, sobre a biblioteca escolar;

O capítulo 2 - Mostra as representações dos sujeitos acerca da biblioteca escolar, caracterizando os participantes e os resultados apreendidos.

As considerações finais mostram que os problemas que dificultaram e dificultam a interação dos sujeitos com o uso da Biblioteca Escolar, passam a despertar o senso crítico do aluno no entendimento da vivência como cidadão atuante na sociedade. Levantaram-se ainda, as ambiguidades e os conflitos que cercam a prática docente naquele sistema educacional e, por fim, as reais contribuições que a biblioteca escolar pode trazer ao espaço educacional.

## 2 CONTEXTUALIZANDO A BIBLIOTECA ESCOLAR

Nesse segundo capítulo, traremos para o âmbito da discussão a Biblioteca Escolar, começando essa caminhada pela importância da mesma ao conhecer seu contexto histórico.

"A biblioteca é a mais antiga e frequente instituição identificada com a cultura. Desde que o homem passou a registrar o conhecimento ela existiu, colecionando e ordenando tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos e papéis impressos. Ela está presente na história e nas tradições" (MAROTO, 2012, p.31).

De acordo com Milanesi (2002), para que os registros não fossem perdidos e tivessem o mínimo de organização e ordenação para consulta, os homens, as cidades e os países, durante séculos de história juntaram em um único lugar as coleções por eles criadas que, na evolução da história, passaram a ser denominadas de bibliotecas, que possuíam a concepção de "conheça, amplie e passe adiante", aos letrados e aos que tinham acesso a este espaço.

Dentro do espaço da biblioteca, temos o grito de guerra dos bibliotecários - "informação é poder" - que é fundamentado no esforço de proteger o patrimônio humano segmentado em grupos, tribos e nações, pois quem sabe mais, domina mais, o que traz a concepção da biblioteca real ou virtual, enquanto concentração de esforços e de ordenamentos da produção intelectual do homem como fator de desenvolvimento social (MILANESI, 2002).

Ao se conhecer uma biblioteca tem-se a sensibilidade sobre a evolução da humanidade, pois o homem passa a existir a partir de sua história, das informações a seu respeito, ou seja, das suas conquistas, derrotas, evoluções, sejam elas científicas, religiosas, sociais, culturais etc. Logo, para se conhecer uma biblioteca é necessário conhecer sua origem, sua razão de existir dentro do processo educacional.

A história das bibliotecas, desde as salas de arquivos dos palácios orientais até as bases de dados acessíveis online pela internet é também a da metamorfose dos leitores e das leituras, das políticas de domínio e da comunicação da informação. E do lento processo pelo qual a função arquivológica e a simbólica da acumulação se tornaram instrumentos de pesquisa, fundido o conjunto dos métodos

do trabalho intelectual - histórico, científico, filosófico, filológico [...] (BARATIN; JACOB, 2000, p.12).

As histórias das bibliotecas no ocidente é indissociável da história da cultura e do pensamento, não só como lugar de memória no qual se depositam extratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas, mas também como espaço dialético no qual, a cada etapa dessa história, se negociam os limites e as funções da tradição, as fronteiras do divisível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos de saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções (BARATIN; JACOB, 2000, p.11).

Decerto, a história das bibliotecas se confunde com a própria história do homem, pois é também a história do registro da informação (BARATIN; JACOB, 2000).

De acordo com Milanese (2002), parte substancial da história é construída pelo estudo de registro, que vão de desenhos nas cavernas aos livros digitais, o que compreende a memória da humanidade, que para que não fosse perdida ficou sob a administração de pessoas especializadas que não só preservaram como organizaram desde a menor forma possível, os materiais trazidos desde a antiguidade para que fossem localizáveis a uma nova consulta de informações.

A história das bibliotecas é também a história do que uma sociedade, as instâncias do poder, um meio intelectual decidem transmitir. Momento crucial, em que o esforço reflexivo sobre o que constitui o essencial de uma cultura e de um patrimônio coexiste com os acidentes imprevisíveis que perturbam esses planos (BARATIN; JACOB, 2000, p.15).

Quando se volta para o Brasil, as atenções se encontram nas escolas públicas e escolares, pois são essas bibliotecas que ao serem organizadas como espaço de circularidade, desempenham o papel de elevar o nível cultural e crítico do cidadão brasileiro (SILVA, 1999).

Assim, cabe à escola e aos membros que a ela pertencem, utilizarem esse espaço para o desenvolvimento de atividades críticas que contribuam para o entendimento de mundo onde nos encontramos, a partir dos conhecimentos de onde viemos.

[...] nas áreas mais desenvolvidas do país existem exemplos de bibliotecas que cumprem a função, mantendo acervos atualizados e serviços eficientes. Entretanto, a disparidade econômica mostra não

apenas a miséria concretizada nas habitações, nas roupas, nos corpos, mas revela também a indigência cultural (MILANESI, 1993, p.13).

No Brasil, a biblioteca ainda é vista como espaço dispensável da formação do senso crítico em virtude do alto índice do analfabetismo e das taxas de escolarização, o que acarretam o afastamento das pessoas da biblioteca escolar. Esse afastamento da biblioteca faz com que ela permaneça em silêncio, pela sua ausência dos ambientes escolares (SILVA, 1999).

Ao falarmos da biblioteca escolar nos deparamos com a ausência da prática bibliotecária configurada durante os primeiros séculos do Brasil colônia que é motivada ainda hoje, pelo desinteresse das autoridades competentes em implantar uma rede de bibliotecas com espaços adequados, acervos atualizados e profissionais especializados; e também pela existência de um sistema de ensino que funciona dentro de um esquema de reprodução de discursos, onde na maioria das vezes, as únicas fontes de conhecimento são o professor e o livro didático (MAROTO, 2012, p.19).

Para Milanesi (2002), onde se encontram registros, se contextualiza a existência de uma biblioteca, pois os homens precisam repartir o pensamento criado, disseminando-o para garantir a posse do conhecimento.

Quando a biblioteca se encontra em silêncio é porque não existe usuário a utilizá-la e, sendo uma biblioteca escolar, seus usuários são professores, alunos, coordenadores, funcionários e a própria comunidade, ou seja, todas as pessoas envolvidas no ambiente escolar.

Alguns outros fatores tem caracterizado a biblioteca escolar como um apêndice da escola, que vai do desinteresse por parte de muitos profissionais da educação e da biblioteconomia, pela utilização dos recursos bibliográficos no processo de burocracia, tecnicismo e do zelo com o acervo; e, ainda, o estabelecimento de normas rígidas e proibitivas e a falta de integração desses profissionais no momento de planejamento e desenvolvimento das atividades de leitura e de pesquisa, dentro e fora do espaço escolar (MAROTO, 2012, p.20).

Se existe a falta de uso desse espaço de disseminação de conhecimentos, esse deve ocorrer pelo não desenvolvimento de atividades acadêmicas conjuntas entre corpo docente e demais profissionais da educação.

O nome de bibliotecário, surge na história da humanidade, agregado à figura humana que é encarregada de facilitar a vida de todos que procuravam em

bibliotecas um determinado livro. Essa habilidade estava respaldada não apenas no conhecimento da coleção, mas no domínio de normas e procedimentos que permitiam a obtenção do endereço "correto" da obra procurada (MILANESI, 2002).

Toda biblioteca desempenha uma função dentro de um contexto social, enquanto biblioteca escolar, sua função se encontra na evolução do pensamento do aluno quanto ao senso crítico voltado à sua sociedade, ao entendimento das diversas culturas, economias e políticas, no entendimento de disciplinas, leis e etc.

De acordo com Baratin e Jacob (2000, p.9):

A biblioteca é um lugar de memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, também é o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira.

O que a literatura define é que a biblioteca escolar é vista como local de apoio aos trabalhos escolares (BASTOS; ROMÃO, 2012). O que é compartilhado por Silva (1999) que discute o papel da biblioteca escolar em duas missões, indo do processo do ensino e aprendizagem no qual é o apoio aos professores, como também, na promoção pelo gosto e hábito da leitura.

Mesmo sabendo que cada tipo de biblioteca possui uma função, um acervo que é determinado pelo público que a frequenta, quanto mais utilizada, mais diversificada e em crescimento ela será (MILANESI, 1993).

Milanesi (2002), afirma que a biblioteca é considerada um grande labirinto, signo de labirinto do mundo, pois ao adentrá-la, seu usuário corre o "risco" de nunca mais sair. Logo, a constante atualização de seu acervo é decorrente da utilização pelo usuário, que ao procurar o espaço, o quer para o levantamento de novas informações (MILANESI, 1993).

Na concepção da biblioteconomia, a biblioteca escolar possibilita o acesso à leitura e às informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente (RIBEIRO, 1994 apud BASTOS; ROMÃO, 2012, p.2).

Implica assim, sua relevância no contexto escolar, ao iniciar e conquistar a criança ao hábito da leitura, que deve começar no ambiente familiar e ser intensificada com sua ida ao ambiente escolar (SILVA, 1999).

Assim, não deve ser considerada como um local que acumula livros, que só os concentra para o aumento de espaço físico. Ela é um local de convergência de informações sobre o que o mundo já produziu no tempo e no espaço, compartilhando conhecimentos aos usuários (BARATIN; JACOB, 2000).

Considerando que a ciência é cumulativa, a biblioteca tem a função de preservar a memória, sendo considerada o cérebro da humanidade na organização da informação para que todo ser humano possa usufruí-la (MILANESI, 1993).

A utopia existente na biblioteca encontra-se na grande quantidade de conhecimentos que se encontram agrupados por assuntos e que somente são visivelmente agrupados quando indexados por um profissional da informação, ou seja, o bibliotecário. E para que o usuário curioso e ávido pela informação possa utilizá-la da melhor forma possível, torna-se necessário a presença e apoio do bibliotecário, que o servirá como um guia para o que precisa e como precisa (BARATIN; JACOB, 2000; MILANESI, 2002).

Assim, quando se quer transformar a sociedade, deve-se começar na educação dos jovens e a biblioteca escolar pode e deve oferecer a formação da personalidade crítica, criativa e dinâmica que serão divulgadas aos alunos que poderão ser iguais ou diferentes das transmitidas pelos professores e que os farão mais questionadores ou inquietos, mais críticos e participativos socialmente (SILVA, 1999).

A necessidade da biblioteca, portanto, parte da necessidade do conhecimento e, em vez de considerar "a biblioteca como uma fortaleza isolada ou como um tigre de papel, pretende-se pintá-la como o nó de uma vasta rede na qual circulam não signos, não matérias, e sim, matérias tornando-se signos" (LATOURE, 2000, p.21).

Sendo ou não utópico, ao trabalhar a imaterialidade, a biblioteca necessita existir para proporcionar um olhar diferente aos alunos, um olhar crítico a partir do que foi estudado em sala de aula. Silva (1999, p.15) faz um comentário profundo refletindo a escola e a biblioteca escolar ao afirmar que:

quando existe biblioteca no ambiente escolar, essas são verdadeiros depósitos de livros, que não estão sendo empregados no momento e que recebem o nome de "armários trancados", situados em uma sala de aula, ao quais os alunos só têm acesso se algum professor se dispõe a abri-lo [...] quando a chave é localizada, ou então funcionando em horários irregulares, sendo uma verdadeira loteria adivinhar quando ela estará aberta.

Assim, a biblioteca acaba funcionando como um local apenas de empréstimo e devolução de livros de forma irregular e sem o conhecimento biblioteconômico, o que acaba ocorrendo no perigo da perda do material já quase inexistente. (SANTOS, 1973 apud BASTOS; ROMÃO, 2012)

Silva (1999, p.15) também relaciona a biblioteca escolar não como um "lugar de estudo, de pesquisa ou de leitura, mas como lugar de punição, de cópias de verbetes, trechos ou parágrafos dos mesmos livros ou enciclopédias "receitados" pelos professores".

O bibliotecário quando existente no ambiente escolar é identificado como fiscal do acervo, inferindo assim, para que a circularidade de saberes dentro do ambiente escolar signifique uma relação prazerosa dos sujeitos com a biblioteca, da leitura com o livro (BASTOS; ROMÃO, 2012).

Mas esse profissional também é lembrado de forma diferenciada nos agradecimentos que precedem as teses universitárias, pela caminhada, pelo labirinto do conhecimento, sendo lembrado também na infância, como o guia dos primeiros passos no exercício da leitura e das descobertas, como também como o profissional de perfil zeloso, severo, ordenador e detalhista, pois impõem normas, regras e procedimentos quanto a utilização do espaço (MILANESI, 2002).

Assim, a existência da biblioteca no ambiente escolar não pode representar ou proporcionar aos alunos um local de punições, que começa com uma chegada atrasada, pelo desacato ao professor em sala ou aos coordenadores, pois assim, fará com que os alunos passem a ter aversão ao espaço, quando deveria educá-los e formá-los. Portanto, não se pode esquecer também que punições são nomes dados às pessoas que se encontram presas e o aluno vai ao ambiente escolar para ser ensinado.

Se é o ensinamento buscado no ambiente escolar, Severino (1982) informa que a leitura é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes demais nada, aprender a ler o mundo, compreender

o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Por ter como missão principal o desenvolvimento do gosto e do hábito de leitura entre os estudantes, a biblioteca escolar deve merecer atenção especial, de natureza governamental, institucional e, em particular do professor. É indiscutível a importância da leitura para o desenvolvimento intelectual do homem e para a sua conscientização sociopolítica (SILVA, 1999, p.71).

Sendo a biblioteca o espaço de novos aprendizados, o bibliotecário deverá acompanhar, juntamente com o professor, as atividades realizadas neste ambiente pelos alunos, visando encantá-los, fazê-los refletir sobre os assuntos propostos e não se preocupar somente com a organização do espaço, pois nesse ambiente se encontra presente o caminho para o desenvolvimento do hábito da leitura.

Ler numa biblioteca é instaurar uma dialética criadora entre a totalidade e suas partes, entre a promessa de uma memória universal, mas que ultrapassa o olhar de todo indivíduo, e os itinerários parciais, parciais e atípicos desenvolvidos por cada leitor. É tentar conciliar um desejo de universalidade e a necessidade de escolha, de seleção, até mesmo de esquecimento e do pensamento (BARATIN; JACOB, 2000, p.10).

Logo, o espaço da biblioteca escolar só ganha sentido ao possuir leitores e que deveria ser vista como um dos deveres do poder público para com a sociedade (BARATIN; JACOB, 2000; SILVA, 1999).

A Biblioteca não se ergue como o palácio dos ventos, isolado numa paisagem real, excessivamente real, que lhe serviria de moldura. Ela curva o espaço e o tempo ao redor de si, e serve de receptáculo provisório, de *dispatcher*, de transformador e de agulha a fluxos bem concretos que ela movimenta continuamente (BARATIN; JACOB, 2000, p.21).

Desta forma, no seu movimento contínuo de informações é que o leitor desenvolve as estratégias de apropriação do conhecimento que o leva a reflexão e compreensão do mundo (BARATIN; JACOB, 2000).

Essa compreensão de mundo é dada dentro da biblioteca escolar ao se reparar a sua organização arquitetônica do saber, pois sua organização interna remete a uma classificação de assuntos que ao serem agrupados nas estantes

traçam os itinerários intelectuais e heurísticos do conhecimento (BARATIN; JACOB, 2000).

A entrada do aluno nesse universo de saberes impressos, sua circulação pelo acervo, entendendo sua disposição por assuntos, facilita sua interação com o ambiente, que atrativamente o faz se apropriar da leitura. Portanto, é necessário que se converse sobre as perspectivas que o ensino e a pesquisa representam dentro do ambiente escolar, pois ensinar é transmitir conhecimentos, mas essa transmissão ocorre somente se o aluno quiser informar-se sobre determinado assunto.

Milanesi (2002) expõem que na última década do século XX rumores fortes sobre o fim do livro e da biblioteca e, conseqüentemente, do bibliotecário surgiram; assim, este profissional passou a buscar sua identidade, que se não estava perdida, parecia, pelo menos, embaçada, pois a sociedade passou a conceber que conhecimento é sinônimo de poder e que seria alcançada pelo meio digital.

As escolas e as universidades, espaços historicamente construídos como de saber teórico, deparam-se com a cobrança cada vez maior de relacionar esses saberes ao mundo da prática - o que denomina-se de cotidiano social. Percebe-se que isso ocorre, de modo concreto, por meio de seus currículos, a fim de produzir efeito nos sujeitos envolvidos, nas instituições de ensino. Neste intuito, entende-se currículo como sendo todas as atividades nucleares que tratam da transmissão e assimilação dos conhecimentos sistematizados, que garantem ao sujeito da aprendizagem sua aproximação ao saber elaborado pela humanidade (SAVIANI, 1991 apud MAIA; ALBUQUERQUE, 2006).

A pesquisa do ambiente escolar ocorre dentro da sala de aula, durante a explicação de determinado assunto, voltado a uma determinada disciplina. O professor instigará o aluno a buscar novas informações nos mais diversos meios de comunicação.

Inquestionavelmente, o primeiro local para a realização de uma pesquisa no ambiente escolar é a biblioteca, a qual deverá possuir um acervo diversificado de assuntos em meio impresso como livros, folhetos, periódicos, jornais e etc. Esse espaço de pesquisa deve estar sempre aberto nos horários de aula, como nos horários intermediários para que o aluno possa utilizá-la.

A priori, a biblioteca não deve parecer ao aluno um edifício fechado, cheio de normas onde impera o silêncio absoluto, como é mostrado em imagens ou meios

virtuais. Ela deve ser apresentada como lugar de novas oportunidades de conhecimento em que não existe à distância para a busca de informações. (BARATIN; JACOB, 2000)

Figura 1 - Espaços de biblioteca escolar



Fonte: Infante Dom Fernando, 2013.

Além disso, a primeira ida do aluno ao ambiente de pesquisa da escola deverá ser previamente agendada com o bibliotecário, reforçando o que já foi discutido anteriormente sobre a importância desse profissional e do planejamento do plano de ensino do professor, para que ambos falem a mesma linguagem aos alunos, ou seja, a criação de uma sincronia de informações.

Ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...]; ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto (LOURENÇO FILHO, 1944, p.3-4 apud SILVA, 1999, p.97).

Volta-se a afirmar que a pesquisa só ocorre se o aluno foi incitado à curiosidade de investigar determinado assunto, seja no ambiente escolar ou não. Mas ao se trabalhar o ambiente escolar, deve-se ter a concepção de que "uma aula não pode ser mercadoria a consumir, mas reflexão a consumir-se" (LIMA, 1985, p.50 apud SILVA, 1999, p.38).

Decerto, o professor deve partir do contexto problemático no qual a sociedade se encontra inserida, trabalhando tanto problemas reais e concretos, passando assim, a ensinar por meio de soluções de problemas (CANDAU 1986 apud SILVA, 1999).

As soluções dos problemas chegarão aos alunos com o ato da pesquisa que, ao ser instigado, garantirá o desenvolvimento do senso crítico, cultural, político

e social do aluno, ou seja, previamente, o professor em sala de aula, já mediou ao aluno as informações relevantes sobre a matéria discutida, contribuindo com essa participação, e o bibliotecário estará à disposição para orientá-lo na busca por informações que completem ou mudem seu ato de pensar sobre determinado assunto.

Nessa perspectiva, uma nação desenvolvida sempre aprimora seu sistema educacional, pois parte do princípio de que a prioridade da escola é a circulação de informações e a pesquisa é quem propiciará alcançar novos estágios de desenvolvimento. E para que ocorra o investimento em ensino e pesquisa, as bibliotecas deverão ter desenvolvimento compatível ao seu papel (MILANESI, 1993).

Para Freire (2008, p.8), existe "a necessidade de educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem a educação, superando as posturas ingênuas ou 'astutas', eliminando de vez a pretensa neutralidade da educação".

Essa neutralidade deixa de existir quando se presencia alunos discutindo frequentemente os textos e livros, ou seja, a informação, o que dá a eles a reflexão a partir da acumulação da leitura e de sua exegese<sup>5</sup> (LATOURE, 2000).

Observa-se que a circulação de saberes leva a geração de documentos pelo homem e que essa necessidade leva a capacitação de profissionais especializados para o controle da informação a buscar de instrumentos e técnicas que permitam que cada homem encontre a informação que procura (MILANESI, 1993).

Por sua arquitetura, definição de seu público, princípios que ordenam suas coleções, pelas opções tecnológicas que determinam a acessibilidade e a materialidade dos textos, assim como pela visibilidade das escolhas intelectuais que organizam sua classificação, toda biblioteca dissimula uma concepção implícita da cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhes cabe na sociedade de seu tempo (BARATIN; JACOB, 2000, p.10).

A concepção implícita de saber, de cultura e de memória presente na biblioteca escolar desmonta a concepção dos "administradores" na construção de seu espaço em decorrência da prioridade da população necessitar de alimentação básica e não da leitura, do conhecimento para sua sobrevivência (MILANESI, 1993).

---

<sup>5</sup> Significa de acordo com Aurélio (2000, p.304) a "explicação ou interpretação de uma obra literária, artística, de um sonho etc."

Mas a alimentação da população não se dá apenas na saciedade da fome em forma de comida, mas também da "fome" do conhecimento e, para que ocorra a familiaridade com a leitura, é necessária a criação da escola com a estrutura de uma biblioteca para despertá-lo à curiosidade rumo ao conhecimento.

Outrossim, para que uma população viva em sociedade é necessário que ela tenha afinidade educativa e a educação não se faz a partir da escrita de um nome e sim pelo despertar de informações, de sua compreensão enquanto ser social. Nesse despertar do conhecimento, do saber existente em seu meio, o homem passa a perceber que a alimentação do corpo encontra-se aliada à da alma, do aprender para melhorar de vários tipos de situações, como reforçado por Milanesi (1993) do melhor financeiramente, socialmente, culturalmente e etc.

Não se deve esquecer que a presença da biblioteca no ambiente escolar precisa ser coordenada por um profissional da área, formado e habilitado para esta função, ou seja, um bibliotecário. Mas, lembra-se novamente, que quem passa a assumir a biblioteca escolar não é o profissional da biblioteconomia ou ciência da informação e sim professores que perderam o encanto pelo ensino de sala de aula, que adoecem ou que se encontram com algum problema dentro do ambiente escolar e que são remanejados ou "encostados" nas bibliotecas, pois é o local considerado como repouso profissional, até que chegue à aposentadoria ou outra oportunidade de trabalho (SANTOS, 1973 apud BASTOS; ROMÃO, 2012; SILVA, 1999).

A título de ilustração, o trabalho discursivizado depende de alguém definido pelos mesmos sentidos de potência e eficiência (bibliotecário e professores) para que ocorra o rápido retorno da informação no encontro do material adequado, que são tarefas do bibliotecário, profissional responsável e criativo, que deve possuir como uma de suas habilidades a boa comunicação com estudantes (TAVARES, 1973 apud BASTOS; ROMÃO, 2012).

Contudo, de nada adianta trabalhar a biblioteca escolar como espaço discursivizado, no qual se prioriza o ensino e a pesquisa para o aluno, se o ambiente escolar o objetiva como local de castigo, de cópias, de reproduções e "desorientações" e que não precisa do profissional da informação, o bibliotecário.

Um dos exemplos dessa demonstração de castigo encontra-se no filme "O Clube dos Cinco", no qual temos uma turma de alunos de castigo (devendo escrever uma redação com mil palavras sobre o que pensam de si mesmos) dentro do espaço da biblioteca escolar em decorrência de suas ações (HUGLHES, 1985).

Se se olhar do passado ao presente e para o futuro, notar-se-á que a habilidade de ler passou a ser uma condição básica do homem para que ele passe a viver em sociedade e tenha acesso aos benefícios que ela possibilita (MILANESI, 2002).

Cabe às autoridades que respondem pelo sistema educacional em nossa sociedade, como dever ético e político, destinar verbas e programas de aperfeiçoamento para as bibliotecas para que as crianças possam dela se aproximar pelo contato com a leitura (SILVA, 1999).

Com a aproximação dos alunos à leitura, cabe ao ambiente escolar e ao bibliotecário utilizar métodos que instiguem as crianças a buscar respostas, resolver problemas e direcionar dúvidas na reflexão crítica e criativa (SILVA, 1999).

Dentro do ambiente escolar, a biblioteca passa a ser um objeto desprezado pela educação em decorrência da situação em que a própria escola funciona (SILVA, 1999).

Para um bom aproveitamento do aluno dentro do ambiente escolar é necessário que a escola esteja estruturada para recebê-lo. Quando possui recursos, todos os ambientes passam a ter oportunidades de investimentos e, assim, receber os alunos para o desenvolvimento de atividades.

Mas, do que adianta os investimentos realizados na biblioteca, se os sujeitos, na posição de professores, pouco ou nunca a utilizam e os bibliotecários silenciam preocupando-se apenas com a organização do espaço? Logo, o abandono dos bibliotecários do Estado e da própria escola deixa uma lacuna entre a Biblioteconomia e a Educação, pois se deixa de pensá-la como recurso pedagógico dentro do contexto escolar (BASTOS; ROMÃO, 2012; SILVA, 1999).

Como recurso pedagógico, a biblioteca encontra-se capacitada ao atendimento dos alunos, dos professores, coordenadores, funcionários e da comunidade externa. Deve possuir, em seu ambiente, materiais didáticos, paradidáticos e todos os tipos de literatura que completem o conhecimento adquirido em um primeiro momento, na sala de aula.

Observa-se que não só a leitura, como o ato de escrever foi ampliado com o advento da internet, pois nesse ambiente necessita-se de imagens e textos, assumindo uma nova dimensão no qual procura diminuir o abismo entre o ler e o escrever (MILANESI, 2002).

No entanto, a prática docente dentro do ambiente escolar contribui para o não envolvimento da biblioteca com os alunos em virtude das aulas extremamente expositivas ao comando de livros didáticos que impedem a participação de outros elementos no processo de ensino e aprendizagem, deixando novamente a biblioteca como espaço de castigo ou de cópia (SILVA, 1999).

O uso somente do livro didático para cada aluno limita seu conhecimento a uma única realidade, reduz sua capacidade de questionar e buscar novas fontes de informações. Assim, o trabalho em conjunto entre professores e bibliotecários deve começar na organização do plano de ensino no qual as referências devem ser indicadas com os presentes na biblioteca e o livro didático. Em um segundo momento, o agendamento dos dias de utilização da biblioteca e das atividades a serem desenvolvidas para que o aluno conheça e aprenda a utilizar o espaço, sentindo-se seguro para estar neste ambiente, numa próxima visita, sem a presença do professor.

Tornar-se-á assim, seu espaço, como um espaço dinâmico, vivo, ao articulá-la como a ação do professor, buscando seu caráter pedagógico (SILVA, 1999).

Sabe-se que o conteúdo programático dos alunos é considerado extenso e o professor, para não se perder, prefere a aula expositiva e a resolução dos exercícios em sala de aula, mas se planejado no período da jornada pedagógica, deve ocorrer uma interação entre o bibliotecário e o professor para o desenvolvimento de aulas práticas no ambiente da biblioteca, fazendo com que o aluno passe a desenvolver o senso crítico.

Silva (1999, p.38) corrobora na afirmação que "quanto menos o ensino é limitado ao discurso docente mais ampla são as possibilidades de inserção da biblioteca escolar no trabalho pedagógico, assim como de outros recursos didáticos". Logo, quando abordado sobre o uso da biblioteca escolar, os professores acabam afirmando que o tempo de aula é para conteúdos, não podendo diversificar suas atividades.

Silva (1996b apud SILVA, 1999, p.56) "denuncia que o comportamento mecânico e de massa que a escola impõe aos alunos é justamente o oposto do processo individual e reflexivo que deve caracterizar a prática de leitura".

Esse argumento é comprovado quando Silva (1999, p.19) afirma que os professores já possuem um argumento pronto, sendo os mais comuns "ela não

possui recursos está desatualizada, está sempre fechada". Bastos e Romão (2012) concordam ao relatar que o bibliotecário, quando existente, acaba sendo considerado um profissional que controla, guarda, vigia e apenas monitora o espaço da biblioteca.

Cabe, aqui, indagar-se: "até quando os professores vão permanecer alegando que a biblioteca não tem condições de ser utilizada? Por que não desenvolver ações concretas no sentido da reconstrução ou, em muitos casos, da construção desse espaço na escola?" (SILVA, 1999, p.19).

Observa-se que o questionamento de Silva (1999) pode ser respondido ao se buscar a formação continuada de professores no ambiente escolar por meio do planejamento pedagógico, com a presença do bibliotecário para que se possa desenvolver a parceria de atividades que deverão ocorrer no ambiente escolar.

Bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação.

De acordo com Severino (1982) e Carvalho (1981 apud BASTOS; ROMÃO, 2012), a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história, ou seja, cabe ao sistema educacional entender a aprendizagem a partir das averiguações e pesquisas, que são encontradas por meio de fontes de consultas, resultante do ambiente da biblioteca escolar, mas quando queremos que nossos alunos sejam somente cidadãos passivos, trazemos a eles uma educação sem a concepção crítica, ou seja, sem a visão de outras fontes de informações, daí a importância da biblioteca escolar.

Além do mais, "a imposição de padrões de gosto, de títulos a serem lidos em caráter obrigatório, de fichas de leituras a serem minuciosamente preenchidos impedem que os alunos sintam o prazer da leitura" (SILVA, 1999, p.56).

A biblioteca escolar é perfeitamente dispensável se o ponto de vista de uma ação pedagógica visa a (de)formar alunos passivos, que têm o seu aproveitamento avaliado pela capacidade que demonstram de reproduzir, com exatidão, o discurso do professor ou o texto do livro didático, ou ainda ambos (SILVA, 1999, p.20).

A distorção pelo professor da prática da leitura afasta o aluno da biblioteca, pois a leitura acaba sendo imposta para obtenção de notas, só devendo ser lido e discutido o que o mestre mandar (SILVA, 1999).

Cabe ao bibliotecário o papel de contato com a direção educacional e professores para que transformem a educação em um espaço democrático, com a participação e entendimento pelo aluno da importância da biblioteca.

Não se pode pensar em democratização do ensino encarando a biblioteca como órgão dissociado do planejamento educacional, pensando-se apenas em aulas expositivas, baseadas na transmissão oral de conhecimentos. A educação é um ato dinâmico, crítico, transformador e a biblioteca moderna deve extrapolar o caráter conservador e armazenador da informação, passando a agir como centro de aprendizagem dinâmica e participativa (ARAÚJO, 1986, p.106 apud SILVA, 1999, p.69).

No contexto de (de)formação da biblioteca escolar, se o bibliotecário apenas preocupar-se com as normas disciplinarizantes do local e com o acervo constantemente organizado - coordenar a entrega e recebimento de livros, indicar leituras e monitorar o fluxo de pessoas, vozes e sentidos na biblioteca escolar - deixará de lado o prazer da leitura e do conhecimento do acervo como elo principal para o encantamento do aluno (ROMÃO, 2007 apud BASTOS; ROMÃO, 2012).

Cabe ao bibliotecário realizar a interação com os professores, na socialização do uso da biblioteca escolar, como também estar aberto ao recebimento de opiniões dos professores para melhorar esse espaço educativo de formação de cidadãos críticos.

Quando somente se encontra presente no ambiente escolar a voz do docente, o aluno passa a não buscar outras fontes de informações, tomando-as como verdades absolutas e decorando textos para avaliações (SILVA, 1999).

Acredita-se numa escola que possa formar cidadãos críticos, que utilizem o conhecimento construído na escola para analisar o real e, diante dele, escolherem as suas opções profissionais, culturais e políticas, consciente, livre e autonomamente (SILVA, 1999).

Cabe também ao bibliotecário realizar uma parceria com a coordenação da escola para que possa "aprender" a interagir de forma mais pedagógica com os alunos e professores, transformando assim o espaço da biblioteca escolar, num espaço de busca de conhecimentos.

Para que as atividades pedagógicas de aprendizagem ocorram, é indispensável também que o professor lance mão de novos instrumentos de ensino

no qual se destaca a biblioteca escolar, que pode ocupar um lugar de investigação, não como depósito de saber acumulado, mas, sobretudo como agência disseminadora de saberes e promotora da leitura (SILVA, 1999).

Como instrumento de ensino, a biblioteca não pode ser considerada um lugar de depósito de saberes e seu uso quanto mais cedo pelos alunos lhe proporciona a capacidade de continuar servindo como fonte de informação (SILVA, 1999).

O trabalho do bibliotecário apesar de parecer tecnicista, muda de contexto na biblioteca escolar, no qual deve ter a capacitação pedagógica para o desenvolvimento de atividades escolares com seus alunos, pois não se pode esquecer que dependendo da localização desta escola na comunidade, a biblioteca escolar pode ser a única fonte de novas experiências de leitura aos usuários.

Mas Silva (1999), expressa sua inquietação a partir do silêncio do bibliotecário, que parece estar satisfeitos ou, pelo menos, resignados com o estado atual da biblioteca escolar no Brasil, pois ele se cala e procura apenas desenvolver um trabalho tecnicista, ou seja, a concepção do bibliotecário como profissional responsável por um trabalho de inegável dimensão pedagógica, mesmo quando desenvolvido fora de uma instituição educacional deve ser mantida, mas o profissional deve estar em atuação constante com o ambiente educacional. (SILVA, 1999)

Dessa maneira, o espaço escolar passará a ser visto não como um local de imposição de ensinamentos e sim como um ambiente de aprendizagem constante entre professores - alunos - bibliotecários.

Como um ambiente de aprendizagem a informação deixa de ser apenas um signo para se tornar uma relação entre dois lugares no qual circulam o que chamamos de inscrição (LATOURE, 2000).

"A informação não é inicialmente um signo, e sim o "carregamento" em inscrições cada vez mais móveis e cada vez mais fiéis, de um maior número de materiais" (LATOURE, 2000, p.24).

Silva (1999) afirma que as bibliotecas escolares possuem problemas de espaço físico, recursos materiais, atualização e diversificação do acervo, qualificação dos profissionais que entendem este ambiente como armários trancafiados, de estantes com livros sem a presença da aula. É em decorrência da necessidade da informação acerca do Projeto Político-Pedagógico, que tenha a

perspectiva de transformação do aluno em cidadão com a capacidade de entender a importância da sociedade para o mundo.

Por conseguinte, o acesso à informação dentro da biblioteca escolar pública acaba sendo restrito pelo acervo disponibilizado, o espaço físico etc. e acaba por afugentar os alunos em decorrência do excesso de silêncio exigido, no qual para vivenciar o aprendizado, o aluno precisa comunicar-se com o outro. Deve-se assim, ser distribuído esse acervo em dois espaços, um voltado para a área de consulta do acervo, no qual ocorrerão conversas, diálogos dos alunos em relação ao material e um espaço de leitura, que aí cabe o silêncio para o aprendizado do que se está lendo (SILVA, 1999).

"A biblioteca precisa ser entendida como um espaço democrático, onde interajam alunos, professores e informações. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo" (RIBEIRO, 1994, p.61 apud SILVA, 1999).

"Estamos convencidos de que a biblioteconomia e educação são ramos do saber que se articula em diferentes perspectivas, e talvez o eixo mais acentuado dessa articulação seja justamente a problemática das bibliotecas escolares" (SILVA, 1999, p.32).

Ao se buscar o ponto de vista pedagógico, a ausência da biblioteca no contexto escolar deixa o aluno deficiente de informações, pois só poderá utilizar como conhecimento o livro didático e a explicação do professor em sala de aula (SILVA, 1999).

Como uma das soluções prévias da importância da biblioteca escolar, Vilarinho (1984 apud SILVA, 1999) reflete a pesquisa bibliográfica como atividade realizada para a fixação da aprendizagem para todas as disciplinas, na qual o espaço de leitura, ou seja, a biblioteca escolar contribuirá de forma crítica na aplicabilidade da teoria vivenciada pelo professor e aluno no ambiente escolar.

Matos (1975 apud SILVA, 1999) corrobora ao afirmar que para o futuro do aluno mais importa o método que utilizamos o que a matéria que lhe explicamos, pois de posse de um bom método, ele saberá aprender o que lhe foi necessário para manter-se atualizado quanto a vida profissional e pessoal.

Percebe-se como uma das condições fundamentais de dominação, a marginalização cultural das classes trabalhadoras, por meio da

manutenção de um aparelho escolar seletivo e excludente, da elitização do acesso à leitura, em legítimas e da negação da biblioteca enquanto substituição social destinada à democratização da cultura (SILVA, 1999, p.52).

E como recurso educativo, a biblioteca escolar possui a metodologia não só baseada na leitura, mas também com ênfase na observação e escuta de diversos tipos de materiais como slides, transparências, files, diagramas, reproduções de arte, fitas gravadas etc. (SILVA, 1999).

A interação entre professores e bibliotecários ocorre, quando o aluno percebe que existe uma linguagem universal entre ambos, onde atuam tanto dentro do ambiente de sala de aula, como em qualquer ambiente da escola.

Sendo o professor um educador e cabendo a ele o despertar do senso crítico do aluno a partir dos recursos disponibilizados, a utilização da biblioteca escolar, mesmo ela estando mal estruturada, despertará no aluno o interesse de melhorá-la (SILVA, 1999).

No uso da biblioteca escolar, o aluno passa a ter condições do desenvolvimento do senso crítico e para que esse seja exercido, basta que o professor tenha maleabilidade e a escola possa romper com a rigidez didática na promoção de novos métodos de ensino/aprendizagem.

Figura 2 - a biblioteca escolar como espaço de circularidade de saberes



Fonte: Bibliotecas Hans Christian e Viva, 2013

Quando se observa a questão do bibliotecário dentro do ambiente escolar, ele não deve fazer de seu ambiente, um espaço apenas de empréstimo e devolução de materiais, deve compartilhar esse ambiente com o aluno de forma interativa, estimulando o senso crítico e a indagação para que se gerem mais

questionamentos e assim o interesse do aluno de pesquisar outros materiais que não os que são utilizados em sala de aula por seus professores.

Trazendo a pesquisa escolar para a biblioteca, que deve ser considerado pela escola como espaço democrático, o aluno passaria a ter acesso a todo tipo de informação, composto de um acervo diversificado e rico, que disponibilizaria diversos recursos para assim atrair diversos leitores e se transformar no coração do ambiente escolar (SILVA, 1999).

Quando o bibliotecário passa a interagir com o espaço, os alunos passam a frequentá-lo em busca de novos conhecimentos e como o uso da biblioteca escolar fortalecida, o aluno, como principal artífice de sua própria aprendizagem, passa a ser visto como sujeito de busca, na escola (e fora dela), procurando novos caminhos rumo ao domínio do conhecimento, que poderão conduzi-lo à biblioteca, mesmo que o professor não incentive tal prática (SILVA, 1999).

Identifica-se que cabe ao bibliotecário sair da zona de conforto e passar a interagir com o ambiente escolar, ou seja, se fazer presente no ambiente, realizando atividades que desenvolvam e estimulem a aprendizagem e a curiosidade para a busca de novos conhecimentos.

Inquestionavelmente, ao sair da zona de conforto, o bibliotecário passa a ser visto no ambiente escolar como profissional interessado no desenvolvimento da pesquisa e ensino, trabalhando assim o objetivo da biblioteca escolar (SILVA, 1999).

O aluno deve aprofundar o seu potencial criador, incentivado e apoiado pelo professor; assim, os recursos informativos disponíveis na biblioteca escolar poderão converter-se em vigorosa fonte de embasamento e inspiração para o estudante incentivando assim o professor a se desarmar ante a possibilidade do uso de recursos didáticos alternativos, entre eles a biblioteca escolar (SILVA, 1999, p.42).

Potencialmente, a biblioteca escolar é o espaço que contribui com o despertar da criatividade, do espírito crítico a partir dos diversos tipos de documentos e os mais variados serviços e atividades, constituindo-se como fonte inesgotável de estímulo e inspiração de pesquisa ao aluno (SILVA, 1999).

As atividades da biblioteca se encontram assim, pautadas na pesquisa, na descoberta de novos livros, textos e leituras que são socializadas entre os alunos, professores e bibliotecários, ocorrendo portanto, no processo de ensino, o fortalecimento do aprendizado (SILVA, 1999).

O poder das bibliotecas não se situa apenas no mundo das palavras e dos conceitos [...] eles são signo e instrumento de poder. Poder espiritual da igreja. Poder temporal dos monarcas, dos príncipes, da aristocracia, da nação e da república. Poder econômico de quem dispõe dos recursos necessários para comprar livros, impressos ou manuscritos, em grande quantidade. Poder enfim, intelectual e sobre os intelectuais, tanto é verdade que o domínio dos livros tem como corolário o direito de autorizar ou de proibir sua comunicação, ampliá-la ou restringi-la (BARATIN; JACOB, 2000, p.14).

Vê-se novamente a importância desse ambiente que precisa estar de encontro com o Projeto Político-Pedagógico da escola e possuir um bibliotecário que atue em parceria com o professor no desenvolvimento de atividades que estimulem o senso crítico do aluno.

A responsabilidade da biblioteca escolar no que diz respeito à educação continuada dos seus usuários, especialmente dos alunos [...] quando desligados do sistema de escolarização formal, deverão dominar um mínimo de habilidades e, principalmente, possuir a disposição para a leitura, o que certamente será fundamental para a reciclagem de conhecimentos com fins profissionais, recreativos ou outros [...] no sentido da manutenção e do desenvolvimento do hábito de leitura e da frequência à biblioteca, ou seja, suficiente para garantir a formação de leitores críticos (SILVA, 1999, p.70).

O ambiente da pesquisa deve ser composto não apenas por materiais impressos, como também por materiais audiovisuais e pelo uso constante da tecnologia, ocasionando assim, um "mix" de instrumentos para o estímulo ao aprendizado contínuo do aluno.

"É cada vez mais inevitável reconhecer que, para superarmos os problemas relacionados à estrutura, ao funcionamento e à utilização das nossas bibliotecas, escolares ou não, é fundamental questionar o modelo socioeconômico em vigor, apontando para a sua transformação" (SILVA, 1999, p.52).

Essa transformação se dá a partir do comportamento de professores, bibliotecários e da escola em relação ao desenvolvimento da pesquisa para com o aluno e mais ainda da concepção do Estado na formação de um cidadão crítico e pensante à sociedade.

A biblioteca escolar, ao ser considerada um instrumento de formação cultural, social e político, deve estar estruturada fisicamente e profissionalmente para receber esse aluno e assim proporcionar a troca de informações pelo ato da pesquisa.

Para Macedo (2005), ao se trabalhar a biblioteca escolar dentro do ambiente da escola pública passa a prevalecer os pontos críticos, todavia, que recaem pela inexistência da biblioteca escolar, como por sua precariedade, pois o que se encontra nesses ambientes é classificado como “arremedo de biblioteca escolar”, por não possuir uma organização confusa, sem utilização de uso correto da informação, e que não conta com alguém motivado para dinamizar a prestação de serviços bibliotecários. [ou seja, locados por professores com formação específica em sua grande maioria em literatura]

Dessa maneira, a biblioteca, instituição milenar que durante séculos garantiu a sobrevivência dos registros do conhecimento humano, tem agora, seu potencial reconhecido como partícipe fundamental do complexo processo educacional em decorrência do excesso de informações existentes. Pois, passou-se a perceber sua importância na contribuição efetiva para preparar crianças e jovens a viver o mundo contemporâneo, em que informação e conhecimento assumem destaque central (ANDRADE, 2008).

De acordo com a IFLA (2000), comprovou-se que na participação conjunta de bibliotecários e professores dentro do ambiente escolar no desenvolvimentos de atividades escolares, ganham os alunos que passam a atingir níveis mais elevados de leitura, de aprendizagem; de resolução de problemas e competências para o domínio de tecnologias de informação e comunicação.

E buscando a atuação do bibliotecário dentro do ambiente escolar, precisa-se conhecer o amparo que a legislação 12.244/2010 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no país, sendo instituído o prazo máximo para efetivação da lei em dez anos, cabendo às instituições escolares realizarem e “desenvolver esforços progressivos” para o seu cumprimento (BRASIL, 2013).

Quando nos referimos ao Brasil, as leis 4.084/1962 e 9.674/1998, disciplinam o exercício da profissão de bibliotecário no qual é exigido a formação de nível superior através do curso de Bacharelado em Biblioteconomia, hoje, regularizado e em estado apto de funcionamento pela Faculdade de Biblioteconomia (FABIB) na cidade de Belém, pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Portanto, nota-se a necessidade do desenvolvimentos das atividades escolares serem realizadas em conjunto entre bibliotecários e professores, mas para que essas atividades aconteçam, fica claro a importância da lotação de bibliotecário

nos ambientes escolares em estado permanente para a construção de uma identidade de espaço e desenvolvimento de ações que acarretam na formação de leitores críticos e cidadãos mais participativos na sociedade.

### 3 A REPRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA NO AMBIENTE ESCOLAR

As escolas iniciaram seus primeiros passos como ambientes de guarda de crianças abandonadas, tornando-se local de aprendizagem de elementos informativos praticamente dois séculos depois. Quando a escola atribuiu o componente "aprendizagem", a preocupação dos educadores concentrava-se mais na quantidade de informações que as crianças deveriam absorver do que na qualidade do que estava aprendendo. Isso quer dizer que os elementos de aprendizagem escolares não possuíam aplicações ou relação com o ambiente social (MAIA; ALBUQUERQUE, 2006).

Compartilha-se o conceito de informação como o conjunto de ideias impressas ou não e que produz significado. Ainda, contemplando a filosofia da educação, para Locke, o objetivo da educação deve ser o de ensinar o aluno os vários métodos por meio dos quais o conhecimento pode ser obtido, pois a educação não se dá apenas na transmissão dos conteúdos escolares, mas também pelo exercício dos métodos que levam à promoção dos diferentes tipos de conhecimento (PORTO, 2006).

É com Dewey (1859-1952), nos Estados Unidos, que se exporta o princípio da escola como espaço educativo integrante e integrado ao mundo social. Nesse período (século XX), as escolas e universidades do mundo ocidental passaram a rever suas posturas pedagógicas. Nessa direção as instituições começavam a discutir a relação das atividades escolares com as necessidades sociais vigentes (MAIA; ALBUQUERQUE, 2006).

Ao começar a trabalhar como bibliotecária em uma escola particular, não tinha ideia da importância da biblioteca escolar dentro do contexto educacional. Mas a entrada no programa de mestrado, a constante busca de informações e a pesquisa em educação despertaram para o estudo da biblioteca escolar como espaço integrante da formação educacional do aluno como cidadão educado e consciente para atuação na sociedade.

Logo, a biblioteca escolar é considerada um espaço de aprendizado, cultura, saberes ao serem desenvolvidos no espaço o encontro e diálogo de várias vozes, manifestadas em livros, revistas, jornais, quadrinhos, filmes, etc. sendo ainda

um local de aprendizagem, leitura e fomento cultural (CASTRO FILHO; ROMÃO, 2011).

Como parafraseia Porto (2006) a discussão da criação de uma sociedade perfeita se dá pela educação de seus membros e essa relação se fortalece em nossos dias com a filosofia, política e educação.

Assim, o despertar ocorreu em decorrência de leituras sobre o objeto da pesquisa e destaca Silva (1999), em sua fala sobre a biblioteca escolar brasileira que se encontra sob um profundo silêncio das autoridades, dos pesquisadores, dos professores e interessadamente dos bibliotecários.

Esse descaso começa com o Estado, reproduz-se no âmbito da escola com o descaso e desprestígio à leitura e à biblioteca escolar, fechando-se na queixa de professores e alunos ao tratamento recebido dentro dela (BORTOLIN, 2006 apud BASTOS; ROMÃO, 2012).

Observa-se o esquecimento da formação inicial do aluno que é o apoio ao avanço do conhecimento e de sua vida como cidadão consciente e comprometido com a sociedade em que vive. Nessa formação inicial, torna-se necessária a participação da biblioteca para uma nova visão do aprendizado a partir do contexto cultural, social e político advindo da leitura. Mas a visão ao se trabalhar a educação no ensino fundamental e médio está na falta da biblioteca escolar ou quando existente encontra-se sobre o comando de outros profissionais que não o bibliotecário.

Os PCN reconhecem que a biblioteca é fundamental para o desenvolvimento de um programa de leitura eficiente, que forme leitores competentes e não leitores que leiam apenas esporadicamente. A biblioteca, ao reunir para uso coletivo e de forma orgânica uma diversificada gama de portadores de textos, representa recurso imprescindível para a formação de leitores capazes de, além de decifrar códigos linguísticos, saber interpretar o que leem, encontrando significados no texto e desenvolvendo práticas de intertextualidade. (CAMPELLO, 2008, p.17)

Ao Bibliotecário, cabe o gerenciamento do acervo, ou seja, da informação necessitada pelos usuários, pois no ambiente escolar, a biblioteca possui um acervo diversificado de materiais e quando utilizado tecnologicamente o acervo, a biblioteca deve saber como e onde encontrar as informações e mais ainda, ensinar o usuário a encontrá-las. Logo, as concepções epistemológicas envolvidas no ensino tem sua

forma de ser em virtude da identificação e condução do processo educacional a partir do olhar do conhecimento humano. (PORTO, 2006)

Na leitura dos PCN entende-se que a biblioteca é um espaço apto a influenciar o gosto pela leitura, ou seja, ela deve estar localizada em um espaço de fácil acesso aos livros e materiais disponíveis, cabendo a escola o estímulo ao desejo de se frequentar esse espaço, contribuindo com o apreço pelo ato de ler (CAMPELLO, 2008).

Portanto, a Biblioteconomia como ciência voltada à formação de profissionais tecnicistas para atuação em bibliotecas, centro de documentação e arquivos deve possuir dentro do espaço escolar o bibliotecário como elo entre o conhecimento do espaço e o usuário.

A outra face com que a biblioteca é apresentada nos PCN é a de lugar de aprendizagem permanente, um centro de documentação onde se encontrem informações que irão responder aos questionamentos levantados dentro das diversas áreas curriculares. Incentivando atividades mentais de problematização de alguns conhecimentos prévios dos alunos, que deverão conscientizar-se da insuficiência de determinados modelos para explicar um fenômeno, a biblioteca fornece, através de um acervo rico e bem formado, oportunidades para que os alunos reconstruam ou ampliem esses modelos (CAMPELO, 2008, p.18).

Observa-se que o acervo rico e bem formado é decorrente do uso desse espaço e que deve ser auxiliado pela escola como local de produção de pesquisas, de curiosidade, pois sua montagem é decorrente de uma série de normas para a identificação do ambiente (o que se encontra no espaço) por assuntos, para que assim o usuário ao conhecê-lo possa ter o contato com o que veio buscar.

Nasce assim, a partir de uma necessidade da sociedade na preservação de seu conhecimento passado, a importância de se possuir no espaço da biblioteca escolar o bibliotecário, que tem seu currículo construído a partir do curso de biblioteconomia em regime acadêmico por atividades curriculares de forma presencial e encontra-se organizado do ponto de vista de atividades em cinco grupos: ensino de disciplinas teóricas; prática profissional; pesquisa, extensão e atividades complementares (FABIB, 2012). Reforça-se a informação que hoje, no Estado do Pará, especificamente na cidade de Belém, o curso de biblioteconomia tem sede permanente através da Universidade Federal do Pará.

O profissional Bibliotecário, após quatro anos e meio de formação deve prosseguir em sua formação continuada, para que integralize os processos de pesquisa ação, atitudes, projetos relacionados ao contexto, participação ativa, autonomia, heterodoxia didática, diversas identidades, planos integrais, criatividade didática, etc. (IMBERNÓN, 2010).

Os PCN veem também a biblioteca como um estoque de conhecimentos, importante para que os alunos aprendam permanentemente e, nesses sentido, sua organização precisa ser entendida e os alunos devem estar cientes dos procedimentos normalmente utilizados no seu âmbito: empréstimo, organização de materiais, seleção e uso de fontes diversas de informação (CAMPELLO, 2008, p.18).

Imbernón (2010) propõem analisar a formação continuada dos profissionais da informação, que deve antes ser verificada pelo seu contexto político-social como elemento imprescindível na formação, em virtude de que o desenvolvimento dos indivíduos é produzido em um contexto social e histórico determinado, que passa a influir em sua natureza, ou seja, em analisar o conceito da profissão, a situação de trabalho e a carreira, a situação atual das instituições educacionais sejam elas normativa, política, social, entre outras (IMBERNÓN, 2010, p.9).

A teoria e a prática da formação, seus planos, suas modalidades e estratégias, seu processo, etc. devem ser introduzidos em novas perspectivas, como a relação entre os professores, às emoções e as atitudes, a complexidade docente, a mudança de relações de poder nos cursos de formação, a auto formação, a comunicação, a formação com a comunidade, a influência da sociedade da informação (IMBERNÓN, 2010, p.10).

Para Maroto (2012), a proposta curricular dos curso de formações de bibliotecários deve ser revista e avaliada constantemente, pois devem enfatizar também a discussão de conteúdos relacionados ao desenvolvimento da leitura, ao estabelecimento de normas e técnicas de organização de acervos que atendam as reais necessidades de se buscar o acesso a informação pelo público seja ele da biblioteca escolar como nas demais concepções e atuações das bibliotecas existentes.

O que vemos hoje é que “a formação clássica é a constituição de problemas, mas na formação continuada não há problemas genéricos, apenas situações problemáticas” (IMBERNÓN, 2010, p.11).

Para que possa existir um ambiente escolar, é necessário que esse local tenha previamente um projeto de existência, esse projeto é chamado de projeto Político-Pedagógico e de acordo com Kuhlthau (2009, p.19),

As habilidades para usar a biblioteca e os recursos informacionais não são aspectos isolados do projeto pedagógico da escola. Assim, como a leitura e a escrita, elas constituem um conjunto de habilidades usadas para alcançar outros objetivos de aprendizagem. Lemos para descobrir significados. Escrevemos para transmitir ideias. Utilizamos as habilidades de usar a biblioteca para localizar e interpretar informações que ampliam nosso conhecimento e nos permite tomar decisões e fazer escolhas adequadas.

Portanto, "mais vale desenvolver mecanismos que atraiam o professor e o aluno para a tarefa, eminentemente coletiva, de pensar e fazer uma biblioteca escolar atuante, eficiente e capaz de enriquecer o trabalho docente e a aprendizagem do aluno" (SILVA, 1999, p. 64).

De acordo com Masetto (1998), a priori, os cursos de educação superior eram voltados à formação de profissionais que exerciam determinada profissão, procurando proporcionar aos alunos o exercício por meio de disciplinas específicas de sua área de atuação.

Para Masetto (1998), a formação desse profissional se dava por meio da transmissão de experiências de um professor que exerce a profissão, ou seja, sabe e conhece e um aluno que não sabe e não a conhece, através de avaliações somativas, que alcançadas lhe forneceria o diploma de bacharelado do referido curso.

Segundo Masetto (1998), as universidades e faculdades exigiam em seu quadro docente, profissionais que possuíam renome em sua profissão, ou seja, que eram competentes em sua profissão, ou seja, que eram competentes em sua área de atuação, pois para ambos, o bom professor era quem conhecia o assunto o que o qualificava automaticamente como repassador do conhecimento.

As diretrizes curriculares inserem-se no PPP, que deve contemplar o perfil do formando, as competências e habilidades que se deseja formar, duração dos

cursos, flexibilização curriculares de avaliação, estágios e atividades complementares (MAIA; ALBUQUERQUE, 2006).

Isso se tornaria relevante em função deste profissional-professor entender que ensinar significava ministrar aulas expositivas ou palestras sobre o assunto, pois era o que na prática do dia-a-dia ele o sabia desenvolver (MASETTO, 1998).

Mas a docência exige muitas competências que vão além da titulação de bacharel, mestre e doutores e só recentemente os professores universitários passaram a entender que a profissão exige dedicação, amor, pesquisa, ensino e extensão (MASETTO, 1998).

"No plano cultural, tal situação praticamente sela o destino das crianças das classes populares que tem na escola a única possibilidade concreta de contato com a leitura e com os livros. Sem biblioteca escolar, sem leitura crítica, abrem-se mais ainda, os caminhos para a opressão e para a injustiça social, á medida que se fecham aqueles que poderiam conduzir os alunos, desde cedo, ao exercício do espírito crítico e criativo" (SILVA, 1999, p.48).

De acordo com Gil (2010, p.1),

O professor universitário, como de qualquer outro nível, necessita não apenas de sólidos conhecimentos na área em que pretende lecionar, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz. Além disso, o professor universitário precisa ter uma visão de mundo, de ser humano, de ciência e de educação compatível com as características de sua função.

Hoje, o aluno deve ser o centro do processo que antes era ocupada pelo professor. E aprender significava, em geral, a capacidade de repetir em provas o que o professor havia ensinado em aula (MASETTO, 1998).

"A formação é hoje compreendida como um processo permanente de desenvolvimento profissional: estudos, atualizações, discussões e troca de experiências" (WEISZ; SANCHES, 2004, p.5).

"A necessidade de inserir o debate sobre o papel da biblioteca na educação escolar no contexto da discussão, mais ampla, sobre o papel da escola na sociedade, enfocando, em particular, a questão democrática do ensino" (SILVA, 1999, p.68).

De acordo com Masetto (1998), não se preocupava se o professor tinha transmitido bem a matéria, se sua explicação era clara, se ocorre uma boa relação

entre ele e o aluno e se o aluno tinha suas necessidades e seus interesses a partir do programa composto pela Universidade e se o professor domina minimamente as técnicas de comunicação.

"Um professor que aspira ter uma boa didática, necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, suas percepções, sua prática de vida. Sem essa percepção, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas [...]" (GIL, 2010, p.25).

Observa-se de acordo com Masseto (1998), que o professor deve levar em consideração que o aluno adentra a Universidade pela necessidade do aprendizado a partir do ensino das disciplinas componentes de seu curso e não para receber repasse de informações, logo o professor deve conhecer sua turma, conseqüentemente seus alunos, voltando novamente à ideia central de que o centro do ensino e aprendizado é o aluno e não o professor.

Assim, tanto no ensino fundamental, médio como no superior, devemos sempre nos perguntar ao montarmos nossas aulas: o que meus alunos precisam aprender para se tornarem cidadãos profissionais competentes numa sociedade contemporânea? (MASETTO, 1998).

"[...] não é possível compreender o ponto de vista do aprendiz, pois não se pode "enxergar" o objeto de seu conhecimento com os olhos de quem ainda não sabe" (WEISZ; SANCHES, 2004, p.19).

Para Gil (2010, p.4),

A partir da década de 1950 até o final da década de 1970, a didática foi voltada ao tecnicismo, enfatizando-se a elaboração de planos de ensino, a formulação de objetivos instrucionais, a seleção de conteúdos, as técnicas de exposição e da condução de trabalhos em grupos e a utilização de tecnologias a serviço da eficiência das atividades educativas.

Fala-se portanto no processo de democratização da escola, no qual "existem três aspectos: a democratização dos processos administrativos, com destaque para eleição de diretores; a democratização da oferta, que diz respeito à ampliação de escolas e vagas no limite do suficiente para o atendimento a todas as crianças e a democratização dos processos pedagógicos que se refere à autonomia dos educadores para a escolha de conteúdos e métodos" (RODRIGUES, 1983 apud SILVA, 1999, p.68).

Observa-se que Freitas (1991, p.23 apud VEIGA, 2004, p.16), fala sobre a concepção da construção e reconstrução do projeto político-pedagógico quando afirma que:

As novas forças têm que ser pensadas em um contexto de luta, de correlação de forças - às vezes desfavoráveis. Terão que nascer no próprio "chão da escola", com o apoio dos professores e pesquisadores. Não poderão ser inventadas por alguém, longe da escola e da luta da escola.

Silva (1999), em sua pesquisa a partir dos livros de didática observou que os mesmo sequer mencionam a biblioteca escolar aos curso de licenciatura como recursos de ensino e aprendizagem, sendo essas obras consideradas à discussão sobre os recursos, instrumentos e estratégias de ensino que poderão ser adotados pelo professor.

Logo, cabe ao professor uma maior reflexão sobre a sua prática docente, buscando possibilidades de aprimorá-la de torná-la mais dinâmica, mais rica, mais instigante e prazerosa para os alunos e para si mesmo, ao utilizar-se dos vários instrumentos presentes no ambiente escolar para o desenvolvimento do conhecimento (SILVA, 1999).

Concordamos que ao não se possuir a habilidade para utilizar racionalmente os recursos informativos disponíveis na biblioteca acabamos afastando nossos usuários do espaço, acarretando assim o desuso das formas existentes de leitura crítica presentes na escola (SILVA, 1999).

E se pensamos a escola como um espaço de conhecimento, torna-se necessário a experiência da leitura, pois quanto mais exercida, mais conhecimento terá o usuário sobre o mundo ao seu redor e quanto mais incentivado por a essa prática, mais crítico se tornará para a atuação em sociedade.

Portanto, cabe ao professor em sua maratona diária e que sabemos que dada as condições de trabalho tão adversas, raramente tem tempo para a autoeducação, para a própria atualização e, muito menos, para pensar de forma produtiva um trabalho pedagógico, possa envolver e desenvolver suas atividades dentro da biblioteca escolar (SILVA, 1999).

Democratizar o acesso ao conhecimento na escola significa, entre outros sentidos, lutar contra o ensino dogmático e a transmissão do saber exclusivamente via professor ou livro didático, significa ainda,

adequar os conteúdos do saber escolar à realidade da clientela atendida [...] fazer do aluno um produtor e não apenas um consumidor do saber [...] inserção da biblioteca escolar no processo ensino/aprendizagem assim concebido (SILVA, 1999, p.69).

Veiga (2004, p.16-19) afirma ainda que, o projeto político-pedagógico está fundamentado em cinco princípios: "**igualdade de condições** para acesso e permanência na escola, **qualidade** que não pode ser privilégio de minorias econômicas e sociais, **gestão democrática**, **liberdade** e **valorização do magistério**". (Grifo do autor)

Como a leitura é, de certa forma, concebida como atividade ligada ao ócio, numa sociedade em que as práticas sociais mais valorizadas são as que estão diretamente articuladas como o sistema produtivo; vale dizer, aquelas que contribuem diretamente para a acumulação de capital (SILVA, 1999).

Permite-se observar que a construção dos princípios da Universidade envolve todo o ambiente acadêmico em torno de um objetivo comum: o projeto político-pedagógico.

Mualem (1986, p.257 apud SILVA, 1999, p.54) afirma que "sobre livros muito poucos são os que querem falar. Livro lembra leitura, estudo, reflexão, conceitos repudiados numa sociedade voltada para o consumo, o prazer descomprometido, a superficialidade".

Ou seja, na construção de saberes e valores, o professor ao adentrar no ambiente acadêmico, deve conhecer o projeto político-pedagógico, pois é a partir dele que se situará em relação ao curso que está inserido e as disciplinas que o compõem e de acordo com Távora (2002, p.49), "[...] a proposta pedagógica ou projeto pedagógico relacionam-se à organização do trabalho pedagógico da escola; o plano de trabalho está ligado à organização da sala de aula e a outras atividades pedagógicas e administrativas".

De acordo com Veiga (2004, p.14),

O projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

A responsabilidade pela sua perpetuação pode ser imputada aos bibliotecários que, juntamente com os professores, têm, enquanto educadores, a missão de trabalhar para resolvê-los ou pelo menos atenuá-los (SILVA, 1999, p.55).

Nesse cenário, certamente também está em jogo a formação da competência humana, vista na construção de novos paradigmas para a cidadania, aspecto que se recobre de significado especial quando se pensa na formação oferecida por uma instituição de ensino.

Távora (2002, p.29) explica que:

O Projeto Político-Pedagógico define princípios, finalidades, elementos do diagnóstico, estratégias e metas, que contribuem com a escola no cumprimento de sua especificidade e, quando construída coletiva e democraticamente, possibilita a participação dos diferentes segmentos da escola em torno de um projeto comum; a importância dos elementos que compõem o projeto político pedagógico; a racionalização da gestão de recursos, a mobilização e congregação de esforços no sentido de organizar interesses diferenciados em torno de metas comuns; a formação técnica e política de seus segmentos, a garantia de construção de sua economia, a construção de processos democráticos no interior da escola, e, possivelmente o alcance da melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem, sendo este, portanto, o significado a ser atribuído ao projeto político pedagógico.

O PPP deve possibilitar aos membros da escola, uma tomada de consciência dos problemas e das possíveis soluções, estabelecendo as responsabilidades de todos. A presença do debate democrático possibilita a produção de critérios coletivos no seu processo de elaboração, assimilando significados comuns aos diferentes agentes educacionais e colaborando com a identificação desses com o trabalho desenvolvido na escola. Aqui está o grande desafio do papel do Bibliotecário na escola.

Permite-se, então, a colaboração de Silva (1999) em sua indagação sobre a formação do bibliotecário a partir do curso de graduação em Biblioteconomia, que ainda é extremamente tecnicista, quando também deveriam proporcionar reflexões para uma postura crítica de sua profissão dentro do ambiente escolar.

Assim, a partir de novas concepções e quebra de paradigmas tecnicistas existentes na formação do profissional bibliotecário entende-se que "as bibliotecas deixam de ser tesouros para se tornarem serviços e os livros perderam o seu valor material para se tornarem material de consumo, tornando-se domésticos a partir do século XV com Gutemberg" (MILANESI, 1993, p.20).

Por esta razão, a atuação dos profissionais das áreas sociais, em geral, e da Biblioteconomia, em particular, depende de como esses profissionais foram preparados academicamente; de como se relacionaram e compreenderam os fatos da realidade; de como foram orientados a ver quais os limites que devem ser superados a fim de que o alcance de seu trabalho seja cada vez mais inclusivo, isto é, que seja cada vez mais orientado para as novidades que deve implementar a fim de que as pessoas que compõem as camadas sociais menos protegidas legalmente e desprivilegiadas social e politicamente possam ser integradas e tornadas cidadãs, no sentido clássico que esse conceito adquire a partir da filosofia iluminista.

### 3.1 REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS ACERCA DA BIBLIOTECA ESCOLAR

Luckesi (2011), afirma que a finalidade da educação está em subsidiar o desenvolvimento do ser humano que se encontram por definições filosóficas, políticas, pedagógicas e didáticas.

No Brasil, a influência da biblioteca nos resultados dos estudos escolares é pouco evidente, ao se buscar as avaliações conduzidas pelo Ministério da Educação (MEC) no âmbito do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), realizadas junto aos estabelecimentos de ensino públicos e particulares do 27 estados brasileiros, a biblioteca aparece como um dos fatores que contribui para o desempenho dos alunos, desde que seu acervo apresente bom estado de conservação e que ela conte com equipamentos. (ANDRADE, 2008)

Buscou-se, neste subcapítulo, falar das visões que os alunos tem acerca da biblioteca escolar, mas, para que pudéssemos chegar a eles, primeiramente foi necessário realizar a pesquisa de campo junto à SEDUC, a qual começou com a solicitação via e-mail para a liberação da listagem de Escolas Estaduais presentes no Município de Belém. A listagem foi disponibilizada e se identificou a presença de sessenta e seis (66) escolas de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino na cidade de Belém.

Quando listou-se as Escolas de Ensino Fundamental e Médio, o fiz-se pela necessidade da pesquisa estar relacionada à fala dos alunos do 6º ano do

Ensino Fundamental. Na listagem disponibilizada, verificou-se os bairros em que as escolas se encontram, conforme o quadro 1.

Quadro 1 - Bairros das Escolas estaduais de Ensino Fundamental e Médio do Município de Belém

<b>BAIRROS</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>BAIRROS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Arsenal	1	Mosqueiro	3
Batista Campos	2	Marco	6
Bengui	4	Nazaré	2
Canudos	3	Outeiro	1
Coqueiro	3	Pedreira	1
Condor	1	Sacramenta	2
Cremação	2	Souza	3
Guamá	1	São Brás	1
Ilha das Onças	1	Tapanã	1
Icoaraci	12	Terra Firme	3
Jardim Sideral	1	Telégrafo	3
Jurunas	4	Umarizal	1
Marambaia	2	Val de Cans	2

Fonte: Adaptado SEDUC (2013)

De acordo com o quadro acima, escolhemos três escolas consideradas referências em educação localizadas no município de Belém, Estado do Pará. Dentre os critérios para a escolha das três escolas, optamos por escolas que apresentam PPP construído e implementado e que possuísem a inclusão da biblioteca no ambiente escolar e aqui serão denominadas de A, B, C.

Observou-se também a concepção do PPP a partir das escolas por bairros e verificamos que as escolas do bairro de Canudos tem a construção do PPP e possuem dentro deste instrumento a caracterização do espaço da biblioteca.

Todo PPP se estabelece do cotidiano da escola, pois cabe aos membros da comunidade escolar realizar a ação educativa e pedagógica, para que ocorra a formação do educando como sujeito e como cidadão (LUCKESI, 2011).

Assim, de acordo com Campello (2012), boas bibliotecas escolares, quando adequadamente exploradas ajudam os estudantes a aprender com os livros e com as informações, além de possibilitar o desenvolvimento de inúmeras outras capacidades importantes para o desenvolvimento cognitivo.

Para a IFLA/UNESCO (2006) e a IASL (1993), é necessário que uma biblioteca escolar possua uma infraestrutura contendo os seguintes requisitos:

- Espaços com localização próxima de locais de maior circulação e serem de fácil acesso a todos usuários;
- Iluminação adequada e suficiente, por meio de fonte natural e artificial;
- Temperatura e umidade ambiente apropriada (ar condicionado) e monitorização (termohigrômetro), garantindo a preservação das coleções;
- Tratamento acústico das portas e piso;
- Dimensão adequada, possibilitando espaço para: coleção de livros, mídias e outros formatos, zonas de balcão de atendimento, zonas de estudo e leitura, zonas de produção e trabalho em grupo.

Apresentamos abaixo a caracterização das bibliotecas e/ou salas de leituras dessas três escolas de Ensino Fundamental e médio que foram escolhidas como *locus* deste estudo após pesquisa exploratória com base na presença da biblioteca dentro dos PPP.

As bibliotecas escolares visitadas durante a pesquisa de campo, se situam no ambiente escolar em salas de aulas que foram adaptadas a essa função, tendo estantes de aço que foram doadas pelo Estado e pela comunidade, assim como o material presente como acervo.

Essas salas recebem da SEDUC materiais conhecidos como baús da leitura para atualização de seus acervos e que contem livros paradidáticos a serem incorporados no acervo.

Suas estantes encontram-se encostadas em paredes, sendo utilizadas apenas um único lado com materiais impressos (livros paradidáticos) organizados de formas deitadas o que dificultam a procura das informações aos alunos, assim como as revistas doadas pelos colaboradores da escola e pela comunidade que se encontram desatualizadas. Os únicos livros que se encontram enfileirados nas estantes são os livros didáticos separados por disciplinas e que são os mesmos utilizados pelos professores em sala de aula, o que dificulta um conhecimento diferenciado pelos alunos que a frequentam em conhecerem novos autores e novas formas de interpretação dos mesmos conteúdos.

Os espaços não possuem balcão de empréstimos e devoluções, apenas uma mesa no qual fica o profissional responsável com um computador que não se encontra acessível à internet, apenas para o controle dos materiais que entram e saem emprestados.

O profissional presente no espaço realiza o controle de materiais do espaço, mas não possuem estatísticas de acesso dos alunos, nem de empréstimos dos materiais mais lidos, como também não realizam rodas de leitura com os alunos

e treinamento de pesquisas para o desenvolvimento de atividades escolares, o que se encontra previsto no PPP.

Constatamos durante a pesquisa, o que Maroto (2012) dispõe sobre a grande maioria das escolas de educação básica, ainda não possuem um espaço adequado para a instalação da biblioteca escolar e, quando existe, não dispõe dos recursos básicos e necessários (profissionais habilitados, acervos atualizados e mobiliário) para que possa que de fato cumprir o seu papel de “organizadora” e difusora da produção cultural e científica, junto a crianças e jovens que a frequentam. (MAROTO, 2012)

Nas escolas em que foi realizada a pesquisa, observamos a adequação de salas de aulas em bibliotecas, localizadas nos finais dos corredores, longe da circulação dos alunos e quando em locais próximo as secretarias com as portas fechadas e antigas com dizeres como “proibida a entrada de alunos com bolsas e mochilas”.

Quanto as estantes, essas foram doadas pela comunidade, ou trazidas das secretarias, já em estado bem degradado (enferrujadas) para serem colocados os acervos da biblioteca que em sua grande maioria vem de doações dos alunos, dos professores, dos funcionários e da comunidade, como também de uma literatura mais nova, proveniente da SEDUC, mas que está voltada para leituras clássicas da literatura.

“Boas bibliotecas propiciam uma aprendizagem peculiar, diferente daquela em que o aluno é um recipiente passivo de informações passadas pelo professor”(CAMPELLO, 2012, p.7).

Os recursos informacionais existentes, estão vinculados a um computador ao responsável do local, sem acesso aos alunos e com internet apenas local, dificultando assim o desenvolvimento do aluno a atividades de pesquisa em outras fontes que não sejam as impressas e presentes no acervo.

Quanto ao mobiliário, o local passa a se configurar não como biblioteca, mas como sala de leitura, visto que possui mesas somente em tamanho adulto para o desenvolvimento de atividades, sem espaço para uma leitura em um cantinho mais a vontade, com almofadas ou materiais que permitam ao aluno sentar ao chão.

Logo, o foco da pesquisa priorizou trabalhar o olhar dos sujeitos escolares (discentes) que foram selecionados nas 3 (três) escolas, tendo como foco o turno da manhã, e o período do 6º ano, denominado anteriormente de 5ª série em

decorrência do início do ensino fundamental, onde as crianças passam a ter professores individualizados por disciplinas, tendo a concepção da educação em cada matéria ministradas pelos docentes.

As escolas foram previamente selecionadas seguindo os critérios de possuírem o PPP construído e implementado, contendo a inclusão da biblioteca no ambiente escolar. Obteve-se neste estudo a participação de 110 (cento e dez) discentes que assinaram o termo livre de consentimento (Apêndice A) de um total de 200 (duzentos) lotados nas escolas escolhidas. Dessa forma, obtivemos uma amostra representativa de 55% (cinquenta e cinco) do total dos participantes discentes para esta pesquisa.

“O PPP deve ser o plano que dirige todas as atividades numa escola, sejam elas pedagógicas ou administrativas, ele unifica e orienta todas as ações aí executadas” (LUCKESI, 2011, p.25).

#### Quadro 2 - Ficheiros da pesquisa

fichier initial : pesquisa mestrado.CSV	
fin de la transformation	
nombre de lignes du fichier initial	110
nombre de lignes du fichier final	110

Fonte: Pesquisa de campo - Evoc (2013)

Escolhemos assim trabalhar a pesquisa qualitativa, que de acordo com Esteban (2010, p.126),

É uma atividade sistemática orientada a compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários sócio-educativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.

A utilização da entrevista semi-estruturada como instrumento de pesquisa proporcionou a análise de conteúdo das respostas fornecidas pelos alunos que apresentaram a faixa etária entre 11 e 15 anos sobre seus olhares acerca da biblioteca e/ou sala de leitura presente no ambiente escolar ao qual estão lotados.

De acordo com Bardin (2011, p.125), "existem diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação e organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferências e a interpretação".

### 3.1.1 Enfatizando a visão dos alunos

A escolha dos discentes dentro do ambiente escolar se deu em decorrência da visão contemporânea de que o estudante, que era visto como sujeito passivo é hoje substituído pelo sujeito ativo da aprendizagem. De acordo com Gil (2010), o estudante procura em sua formação a informação necessária para a solução de problemas concretos, a partir de seu olhar no cotidiano onde se encontra inserido na sociedade, procurando estruturar racionalmente os conhecimentos que vai adquirindo, para entrelaçar o que lhe é transmitido com o que ele próprio procura.

Para Luckesi (2011, p.33), “ajudar nossos estudantes a preparar-se para o futuro, bem como a viver melhor no presente, significa investir efetivamente em sua autoconstrução individual e coletiva”.

Dessa maneira, Abreu (2008), enfatiza a relação aluno, professor e bibliotecário para uma concretização e efetivação da pesquisa escolar, que só alcançará os resultados se a escola passar a investir de forma sistemática e continuamente em programas de desenvolvimento de habilidades informacionais.

O ensino torna-se muito mais eficaz quando os alunos de fato participam. As aulas tornam-se muito mais vivas e interessantes quando são entrecortadas com perguntas feitas pelos alunos. Elas conduzem a rumos diferentes, conforme as respostas dos alunos. [...] as aulas passam geralmente a requerer uma breve revisão, que é feita coloquialmente com a participação dos alunos. (GIL, 2010, p.9)

Assim, partiu-se da concepção de que a atenção principal na ação educativa transfere-se, em grande parte, do ensino para a aprendizagem, pois muda-se o papel do professor que se torna mais que transmissor de conhecimento, ou seja, facilitador da aprendizagem (GIL, 2010).

Educar deixa de ser "a arte de introduzir ideias". [...] as preocupações básicas desses professores, por sua vez, são expressas em indagações: quais as expectativas dos alunos? Em que medida determinado aprendizado poderá ser mais

significativo para eles? Quais as estratégias mais adequadas para facilitar seu aprendizado? (GIL, 2010, p.7)

A aplicação da pesquisa de campo nas três escolas selecionadas que se encontram localizadas no bairro de Canudos a partir dos critérios já mencionados anteriormente, foi realizada mediante a conversa inicial com as diretoras que concordaram com que suas escolas fizessem parte da mesma, desde que fossem preservadas quanto ao nome de suas instituições, o que foi realizado neste trabalho acadêmico.

### 3.1.1.1 olhando a biblioteca a partir das representações dos alunos

Buscamos na pesquisa de campo representar as falas dos alunos acerca da biblioteca escolar, para tanto Castorina (2011, p.56), trás a concepção de que as representações sociais tem um “função expressiva e sua indagação permite atingir os significados que os sujeitos (individuais e coletivos) outorgam ao mundo social e como se articulam a sensibilidade, desejos e emoções, mesmo ao processo de conhecimento”.

Voltamos assim a contextualizar as falas descritas nos PCN, que apontam os diversos papéis que a biblioteca deverá representar como participante da formação de crianças e jovens, numa perspectiva construtivista e questionadora. Portanto, depende da escola proporcionar os recursos que irão concretizar essa visão de biblioteca que, contribuirão no esforço de formar cidadãos mais críticos. (CAMPELLO, 2008)

Segundo Luckesi (2011, p.35), “nossas escolas, usualmente estão focadas mais no currículo do que na formação da pessoa do educando”. E é no ambiente escolar, mais precisamente na biblioteca escolar que ocorre, ou deveria ocorrer a fortificação da formação do educando, no qual se encontra a formação da leitura, da escrita e do estudo do aluno, para tanto, é necessário que o professor, bibliotecário e demais envolvidos no contexto escolar vivam a leitura como um ato permanente de enamoramento com o conhecimento e a informação. (MAROTO, 2012)

Buscando esse olhar sobre o espaço da biblioteca escolar e/ou sala de leitura, perguntamos aos alunos se as escolas onde eles estão estudando possuem biblioteca ou sala de leitura e percebemos que todos os alunos, que correspondem a amostra de 110 participantes afirmaram que em seu ambiente escolar possuem sala de leitura e/ou biblioteca, o que eles diferem é quanto ao horário de funcionamento, no qual eles afirmam que seu horário vai de 7:30h/8h as 11:30h/12:10h.

Essa diversificação do horário de funcionamento é decorrente da entrada dos alunos, que ao estarem no ambiente de sala de aula a partir das 7:30h e saírem 12h, não tem como observarem os horários de funcionamento do espaço, apenas sabem que ele existe e se encontra aberta por o utilizarem para esperar os pais e por ficarem no espaço ao chegarem atrasados nos primeiros horários de aula.

Na perspectiva de Coracini (2005), a leitura é o ato de ler e pode ser definido pelo olhar, na perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não. Este olhar pode ser direto, atravessado ou enviesado, de acordo com o leitor, o espectador, o observador, sua bagagem de vida.

De acordo com Maroto (2012), a biblioteca é o local de pesquisa, leitura, formação de conhecimentos, necessitando estar aberta ao público em horário ininterrupto de funcionamento.

Para Campello (2008) as crianças e os jovens de hoje, precisam aprender a pensar de forma lógica e criativa, assim, devem utilizar as informações existentes na sociedade para a resolução de problemas voltados ao seu cotidiano. Assim, necessitam de um espaço aberto ininterruptamente para buscarem novos conhecimentos.

Quando perguntando se possui uma pessoa que fique no local, os alunos responderam que existe o profissional, mas não souberam identificar se ele é bibliotecário, professor ou funcionário.

Nas escolas públicas da cidade de Belém, foi verificado junto a SEDUC que a atuação de profissionais em salas de leitura/bibliotecas é realizada por professores, sendo os bibliotecários lotados na administração da SEDUC e atuando como “consultores” das USES. (Bibliotecária X – SEDUC, 2013)

De acordo com Silva (1999), Campello (2008) e Maroto (2012) a constituição de uma biblioteca, nasce da presença de uma necessidade escolar

voltada a leitura e a pesquisa, mas seu espaço, para ser organizado, precisa da presença do bibliotecário, em decorrência da classificação, catalogação, indexação e disseminação de materiais que ali se encontram presentes para que os usuários que a frequentem possam ter acesso as informações que buscam, contemplando assim as cinco leis da biblioteconomia descrita por Ranganathan, no qual temos que os livros são para serem usados, a cada leitor seu livro, a cada livro seu leitor, economize o tempo do leitor, a biblioteca é um organismo em crescimento.

Essas leis, que foram escritas há muito tempo continuam recentes em decorrência da constante presença da leitura na sociedade, agora presente num formato eletrônico, com a utilização das novas tecnologia e que estimula o acesso a informação em tempo real, idealizando assim as leis de Ranganathan e que trazem a leitura ao padrão essencial do conhecimento.

Identificamos ainda na fala das crianças que esse profissional quase sempre se encontra presente no espaço. De acordo com Milanesi (1988 apud MAROTO, 2012, p.79), “a biblioteca só atinge plenamente a sua função quando, além de propiciar a leitura, garante a seu público o ato de dizer e escrever”, para tanto é necessária que se encontre aberta diariamente e com um profissional para guiar essa constante aventura da leitura.

Para Coracini (2005), a leitura constitui um processo cognitivo que coloca o leitor em frente do autor do texto ou da obra, seja ela de que natureza for, pois o autor deixa marcas, pistas, intenções, que são determinantes para o(s) sentido(s) possível(eis) e com o qual o leitor inter-agiria para construir esse(s) sentido(s).

Verificamos ainda a constante presença desses alunos na biblioteca, que ocorrem para diversas atividades com ou sem a presença dos professores. Se verificar a análise com a observação anterior, sobre a presença do profissional no ambiente, verificaremos que para os alunos que não identificaram a presença do profissional no espaço constantemente coincide com a sua não ida ao local, o que caracteriza para 75 alunos entrevistados que o espaço existe e possui um profissional presente para o atendimento ao usuário.

Cabe repensarmos o papel da escola no processo de formação do leitor crítico, pois o tratamento dado na infância ainda é o de mera consumidora do mundo criado pelo adulto, logo o acesso aos livros e a leitura vai implicar na existências de boas escolas que possuam bibliotecas funcionando de verdade, sob a direção de

bibliotecários habilitados, bons livros, com acesso a boas fontes de informação (CARVALHO, 2008).

Na seleção das entrevistas dos 75 alunos que afirmaram estar sempre no espaço da biblioteca, perguntamos quais atividades eles desenvolvem no espaço e verificamos que são atividades de leitura e pesquisa em livros, redação, trabalhos passados pelos professores, usos de computadores, jogos, exercícios, provas de segunda chamada, interpretação de textos, diversão, conversa, desenhos, pinturas e caligrafias.

Nas falas dos alunos identificamos:

*Sempre vou a biblioteca para ler os livrinhos no horário da saída (aluno A).*

*A tia de redação sempre passa dever de casa, aí eu vou pra biblioteca no horário da saída e faço logo, para poder brincar em casa (Aluno B).*

*Gosto de ir a biblioteca para usar os computadores, porque se ninguém tiver usando a tia da biblioteca deixa eu entrar um pouquinho na internet (aluno C)*

*Quando não consigo terminar minha prova com os outros colegas, o tio deixa eu ficar na biblioteca, aí a tia da biblioteca me ajuda a resolver os probleminhas que não entendo (aluno D).*

*Vou com minhas colegas lá para brincar e conversar no horário do intervalo, mas a tia não deixa a gente lanchar e nem ficar muito tempo, porque não estamos estudando (aluna E)*

A escola pode sim ser o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências através da leitura, mas para que isso ocorra, ela deve ser pensada como um espaço de criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não apenas consumidoras de cultura (CARVALHO, 2008).

Para Abreu (2008), os estudantes precisam ter familiaridade com o espaço da biblioteca escolar, com os materiais que ali se encontram como fonte de saberes, para que isso ocorra é necessário que eles saibam localizar e interpretar as informações tendo como foco várias fontes sobre o mesmo assunto, fazendo uso de recursos como o resumo e a resenha que devem ser ensinadas no ambiente de sala de aula e reforçadas pelo profissional que se encontra na biblioteca.

Se podemos afirmar que é lendo que se aprende a ler e se podemos afirmar que a leitura, consistente e contínua, de bons e variados textos, é capaz de formar o leitor, é capaz de municiá-lo com elementos que favorecem mais e melhor compreensão, penso que é justamente nos vastos domínios da literatura que pode ser encontrada a chave para a formação do brasileiro - leitor que tanto desejamos ver proliferar em nosso país (MARIA, 2009, p.17).

Portanto, quando definidos conjuntamente entre professores e bibliotecários as atividades de leitura a serem desenvolvidas pela escola e pela biblioteca com a participação dos alunos, estamos buscando um processo de reestruturação da proposta curricular, que contribuirão para a abertura de novos caminhos, que romperão com o discurso dogmático produzidos em sala de aula. (MAROTO, 2012).

Na perguntamos aos alunos se quando eles se encontram na biblioteca solicitam a ajuda do profissional responsável pelo espaço, identificamos que eles tem o apoio do profissional que se encontra ali presente, mas observamos também que a maior fala dos alunos quanto a relação entre o espaço e o profissional é:

*"A tia não deixa as vezes a gente entrar na biblioteca. E a biblioteca é chata não podemos ler os livros". (Aluno A)*

*"A tia não fala comigo e não posso usar os livros porque vou rasgar e riscar". (Aluno B)*

*"Minha relação é boa, mas lá só podemos estudar e não conversar". (Aluno C)*

*"Péssima, ela me fuzila com o olhar, ela amedronta os alunos". (Aluno D)*

*"É legal, ela chama a gente de meu amor". (Aluno E)*

*"Ela me dá uma folha para eu desenhar e pintar e os livros que eu posso levar para casa". (Aluno F)*

Maria (2009), evidencia essa percepção dos alunos ao informar que no ensino fundamental e médio das escolas brasileiras, a leitura e a formação de leitores, que são componentes indispensáveis da educação contemporânea, ainda esta em processo de construção.

Observamos mais uma vez o espaço da biblioteca ainda como um local de reclamações dos alunos em decorrência do silêncio absoluto que o espaço é

representado e pela ausência da pesquisa, das diversas formas de interação com a leitura e a escrita, em virtude de um profissional que só está presente no local para “reparar/guardar o acervo”.

Uma das mais importantes opções feitas pelo professor dá-se entre o ensino que ministra ao aluno e a aprendizagem que este adquire. (ABREU; MASSETO, 1986 apud GIL, 2010, p.6)

Para Maroto (2012), a biblioteca escolar tem se caracterizado ao longo das últimas décadas como um apêndice da escola, pois ocorre o desinteresse por parte de vários profissionais da educação e da biblioteconomia na formação do leitor no processo de ensino e aprendizagem no qual ocorre o excesso pelo zelo com o acervo, o estabelecimento de normas rígidas e proibitivas e a integração dos profissionais para o planejamento e desenvolvimento de atividades que envolvem as atividades de leitura e de pesquisa dentro e fora do ambiente escolar.

De acordo com Martins (1996) e Maroto (2012), o bibliotecário se transformou em um técnico puro, que prefere garantir a organização racional do trabalho (burocratização das normas, horários de atendimento, empréstimo, catalogação), no desenvolvimento técnico em prejuízo ao lado cultural humanístico, esquecendo que o livro não é um mero objeto de enfeite e sim um material rico em conhecimentos a serem desbravados por seus leitores, ou seja, não deve ser um número na estante e sim um testemunho da vida espiritual.

Carvalho (2008) contextualiza o novo conceito de biblioteca como um lugar de formação de leitores, que possua uma coleção de livros e outros tipos de materiais, um ambiente físico de comunicação de leituras e um mediador do leitor.

Perguntamos aos alunos se os professores os levam à biblioteca e verificamos com base nas entrevistas que dos 110 alunos, 80 responderam que os professores os levam a biblioteca, mas o desenvolvimento das atividades realizadas pelos professores ainda são voltadas a realização de provas, de pesquisas no próprio livro didático, trabalho de artes, leitura de textos, produções de redações, divisão de trabalhos em grupos, trabalhos de português, de história, ciências, matemática, assistir filmes, pesquisar no computador.

O professor constitui a principal fonte sistemática de informações, e uma das habilidades que mais incentivam nos alunos é a da memorização. A prática mais constante de avaliação da aprendizagem consiste em aplicar provas e dar notas, que com frequência também é usada como meio de estabelecer autoridade em

relação ao aluno. Aos alunos, por sua vez, cabe colocarem-se na condição de ouvintes e esperar que professores "dêem aulas". (GIL, 2010, p.6)

Cabe ao professor o desafio de ter como clareza de que a leitura é a integração e a interconexão das ideias do texto, reconhecendo o que é realmente importante para o aprendizado do aluno (MIGUEL; PÉREZ; PARDO, 2012), ou seja, entender e compreender que a biblioteca escolar é o local de pesquisa em outras fontes que não as utilizadas em sala de aula, que o local deve ser preparado para despertar a curiosidade do aluno em pesquisar novos textos com os mesmos assuntos para que a partir da leitura possa existir a interconexão das ideias sobre o tema abordado.

O Bibliotecário e o professor, dentro do ambiente escolar são considerados os mediadores da leitura, logo devem ser, leitores críticos capazes de distinguir a boa leitura infantil e juvenil daquela encomendada, com aparência moderna, engajada, mas totalmente circunstancial, cuja fórmula simplificada, abusivamente repetida, desprepara o leitor em formação para a aceitação de outros textos, mais complexos no futuro (CARVALHO, 2008).

De acordo com Maroto (2012), as bibliotecas escolares, quando existem, constituem-se geralmente como verdadeiros "depósitos de livros", em mero enfeites da escola, pois se encontram submetidas a um sistema de ensino onde as fontes de informações, na maioria das vezes, são o professor e o livro didático, deixando de lado a busca por um trabalho criativo, crítico e consciente dentro e fora do espaço escolar.

Para Morais (2013), o ato de saber ler e ler bem se tornam condições para que os alunos possam realizar trabalhos gratificantes ao terem contatos com a sociedade, utilizem recursos tecnológicos para o desenvolvimento de pesquisas e busca de informações sobre o cotidiano, conheçam a ciência, a tecnologia, a história e a cultura da humanidade a qual pertencem, tornem-se cidadãos responsáveis e atuantes, aprendam o significado da escrita como forma de preservação e disseminação de conhecimentos.

Campello (2008) afirma a importância de se trabalhar em conjunto - professor e bibliotecário - para que ao planejarem as situações de aprendizagem que desafiem e motivem os alunos, possam observar o que está acontecendo à orientação, acompanhamento dos progressos e o desenvolvimento de competências

informativos<sup>6</sup>. Logo, o contato com a biblioteca não pode ser meramente uma repetição do ambiente de sala de aula, no qual os alunos estejam no espaço de circularidades de saberes realizando apenas o contato com o material didático, ou trabalhando cópias, ditados, em silêncio e sem o desenvolvimento do lado crítico do aprendizado.

Soares (2001) afirma que ao aprender a ler e a escrever, o aluno modifica sua forma de ver o mundo, ou seja, adquire um outro estado, uma nova condição.

Perguntamos se as bibliotecas das escolas se encontram atualizadas, ou seja, com livros e materiais novos e diferentes dos livros didáticos. Também perguntamos se os professores quando os levam à biblioteca pedem apoio ao profissional que se encontram no espaço e verificamos que os alunos afirmam que os espaço possui um ambiente com obras atualizadas, mas que são doadas pelo Estado ou pelos funcionários, mas que são obras voltadas para a literatura e não para os temas atuais, como exemplo citam: crepúsculo, Harry Potter, Percy Jason entre outros.

Segundo Lourenço Filho (1944), uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito, a biblioteca sem o ensino é um instrumento vago e incerto, pois é necessário que esses espaços estejam preparados para a estimulação, coordenação e organização da leitura, ou seja, devem ensino e biblioteca completarem-se.

Há professores que vêem os alunos como os principais agentes do processo educativo. Preocupam-se em identificar suas aptidões, necessidades e interesses com vista a auxiliá-los na coleta das informações de que necessitam no desenvolvimento de novas habilidades, na busca de novos significados nas pessoas, nas coisas e nos fatos. Suas atividades estão centradas na figura do aluno, em suas aptidões, capacidades, expectativas, interesses, possibilidades, oportunidades e condições para aprender. Atuam, portanto, como facilitadores da aprendizagem. (ROGERS apud GIL, 2010, p.7)

Assim, percebe-se que o ato de sair com o aluno do ambiente de sala de aula para a biblioteca não pode ser caracterizado como mudança de atividades escolares e sim que a biblioteca passa a ser um apêndice da sala de aula.

---

<sup>6</sup> Competência informacional é o conjunto de habilidades necessárias para localizar, interpretar, analisar, sintetizar, avaliar e comunicar informação, esteja ela em fontes impressas ou eletrônicas. (CAMPELLO, 2008, p.9-10)

"A medida que a ênfase é colocada na aprendizagem, o papel predominante do professor deixa de ser o de ensinar, e passa a ser o de ajudar o aluno a aprender". (GIL, 2010, p.7)

De acordo com Maroto (2012), muitas escolas públicas, ainda hoje, subestimam ou ignoram a importância dos recursos bibliográficos e outras fontes de informações disponíveis na biblioteca escolar representam para o processo de ensino e aprendizagem.

Para Campello (2012), é importante que os bibliotecários leiam e se mantenham atualizados em relação as pesquisas desenvolvidas dentro e fora do ambiente escolar para assim integrarem em sua prática pedagógica as ações pertinentes da escola, fazendo com que o espaço da biblioteca passe a ser um lugar de curiosidade, de descobertas, de buscas pela informação.

Para que pudéssemos ter a concepção da visão dos alunos após o preenchimento da entrevista semi-estruturadas, realizamos a associação de palavras com os alunos, que num período de dois minutos listaram em ordens de prioridades o que para elas representa a lembrança da palavra biblioteca escolar.

Para Roca (2012), o futuro da biblioteca escolar deve estar fundamentado no vínculo ao desenvolvimento da cultura digital e ao apoio da aprendizagem de conteúdos que determinem as competências básicas do currículo escolar, que devem ser a competência leitora, a competência informacional e a competência literária, que são totalmente imprescindíveis para a formação dos cidadãos do século XXI.

Em um segundo momento da entrevista, os alunos preencheram um formulário contendo a associação livre de palavras tendo como foco principal o entendimento dos alunos sobre a palavra "biblioteca", assim, ao estruturarmos as palavras evocadas no software Evoc, tivemos como retorno da frequência de palavras evocadas entre 2.5 e 10, conforme informação abaixo.

### Figura 3 – Frequência do EVOC

Les 3 colonnes correspondent respectivement :  
 au Mot  
 à sa Fréquence  
 à son Rang Moyen

Le Fréquence minimale des mots est 4

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence >= 10  
 et  
 le Rang Moyen < 2,5

estudar	12	1,917
leitura	13	1,538
livro	22	1,909
silêncio	10	1,800
trabalho	10	2,400

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence >= 10  
 et  
 le Rang Moyen >= 2,5

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence < 10  
 et  
 le Rang Moyen < 2,5

aprender	6	2,333
calma	8	2,000
computador	9	2,000
conhecimento	9	2,444
conversar	5	2,200
educação	6	2,000
estudo	9	1,444
legal	5	1,200
ler	8	1,375
paz	4	2,000
pesquisa	7	1,571
prova	5	2,200

\*\*\*\*\*

Cas ou la Fréquence < 10  
 et  
 le Rang Moyen >= 2,5

bibliotecário	9	2,667
pesquisar	4	2,500
professor	6	2,500

Fonte: Pesquisa de campo Evoc, 2013.

Observamos que as palavras mais evocadas em primeira frequência de palavras foram: estudar, leitura, livro, silêncio e trabalho. Em seguida, como segunda frequência de evocações foram: aprender, calma computador, conhecimento,

conversar, educação, estudo, legal, ler, paz, pesquisa e prova. Como terceira frequência foram listadas as palavras: bibliotecário, pesquisa e professor.

Maria (2009), faz uma observação quanto a utilização das novas tecnologias, quando elencadas como um processo de afastamento das pessoas à leitura afirmando que o computador possibilita a interação da leitura e escrita, pois contemporaneamente nunca se leu tanto com o advento da tecnologia.

Observamos que as palavras bibliotecário, pesquisador e professor só aparecem como terceiro critério de evocações tornam-se necessárias pela reclamação dos professores quanto aos trabalhos entregues pelos alunos, que se caracterizam por verdadeiras cópias de trechos, assim como a reclamação dos profissionais que se encontram nas salas de leitura/biblioteca de não conhecerem antecipadamente os temas das pesquisas que os alunos precisam. Observamos assim, que tanto os professores de sala de aula ou que se encontram na biblioteca não utilizam o espaço para preparar seus alunos ao ato de pesquisa, de buscar e saber localizar as informações presentes na biblioteca (ABREU, 2008).

Para Campello (2012), é necessário aos profissionais acompanharem os novos conhecimentos, caso contrário não refletem sobre sua prática e não se preocupam em implementar as melhores práticas, pois ficará limitada a convencer as pessoas sobre sua importância com base em discursos vazios e pouco convincentes.

Logo, foi necessário realizar num segundo momento da pesquisa de campo as evocações a partir da frequência das palavras, no qual passamos ao momento de trabalhar a identificação das categorias, que foram listadas de acordo com o conceito de e significado de biblioteca escolar. Assim foram distribuídas em saberes, “cultura, aprendizagem e espaço físico”.

Pelas evocações contextualizadas pelas falas dos alunos, elencamos como primeira categoria, os saberes a partir das palavras que foram listadas pelos alunos.

Trabalhando a evocação dos alunos, nos remetemos ao entendimento da palavra escrita, a qual já foi vista e identificada anteriormente por eles para ser transcrita em uma folha de papel, dessa maneira, no processo de ensino da leitura aos alunos, deve-se procurar fazer com que eles desenvolvam a habilidade de identificação da palavras escritas, ou seja, aprendam a converter, numa sequencia de sinais gráficos na pronúncia o significado que lhe corresponde. (MORAIS, 2013)

na pesquisa em questão, essa conversão da escrita partir da identificação da palavra biblioteca.

A biblioteca, constituída com uma instituição social antiga e tradicional, trás a tarefa na contemporaneidade de disponibilizar materiais informacionais em seus mais diversos formatos, para que representem a variedade de informações produzidas pela sociedade, assim ela não pode ser um conjunto de materiais reunidos aleatoriamente sem nenhum propósito, ele deve ser construído e desenvolvido como critério o projeto político – pedagógico e o contexto ao qual se encontra inserido. (MAROTO, 2012)

De acordo com Campello (2012) existe na contemporaneidade a ampliação significativa do papel da biblioteca escolar, no qual esta presente o paradigma da leitura para o da aprendizagem.

Assim, de acordo com Moscovici (1984 apud CASTORINA, 2013, p.59), “o conflito entre o indivíduo e a sociedade é a base da vida social e da elaboração das representações sociais, sem as quais não se entende a transformação social”.

### Quadro 3 - CATEVOC - 1º CATEGORIA – SABERES

Options pour le programme Recodcat

✖ Annuler
✔ Modifier fichiers

#### Fichier des mots

Mots	Catégorie
Jacson	1
Percy	2
admiravel	3
ajuda	3
alegria	3
alimento	2
alivio	1
aluno	3
alunos	3
aprender	2
aprendizado	2
aprendizagem	2
arrumado	4
atendimento	3
atividade	3
atividades	1

#### Liste des catégories

Nom	N°
REBUS	0
SABERES	1
CULTURA	2
APRENDIZAGEM	3
ESPAÇO	4

➡ Assigner

🔍 Liste des mots

CATEGORIA SABERES		
Alívio	Atividades	Aula
Barulho	Boa	Compreensão
Conhecer	Descobrir	Disciplina
Diversidade	Diálogo	Educação
Fantasia	Figuras	Frases
Gibis	Infantis	Internet
Juízo	Literatura	Livro
Material	Mundo	Novas
Paz	Procurar	Reconhecimento
Respeito	Reunião	saber

Fonte: pesquisa de campo EVOC (2013)

Na escrita do alunos sobre a concepção da biblioteca, verificamos que as palavras listadas no quadro acima remetem a suas percepções sobre os saberes existentes dentro do espaço da biblioteca. Observamos ainda que, a partir das palavras evocadas, cabe aos professores entenderem que sua finalidade enquanto docentes não é o de transmissor de conhecimentos e, sim, de orientador que capta os interesses dos alunos, estimula seus questionamentos e os guia na busca de soluções. (CAMPELLO, 2008)

Ora, para os alunos, os saberes estão presentes dentro do ambiente escolar, pois se apresenta concepções de atividades, de conhecimento, diversidade, educação, livros, literatura, reuniões entre outras, o que ocorre dentro do ambiente da biblioteca, que possui vários saberes que percorrem o acervos em formato dos livros impressos ou virtuais, na reunião dos alunos para uma discussão de trabalhos e para adquirirem novos vocabulários a partir dessa literatura.

Para Carlyle (1975 apud MARIA, 2009), quando os professores fizerem o melhor pelos alunos, o único lugar que será possível adquirir conhecimentos estará nos livros, portanto, a verdadeira universidade de hoje está na biblioteca.

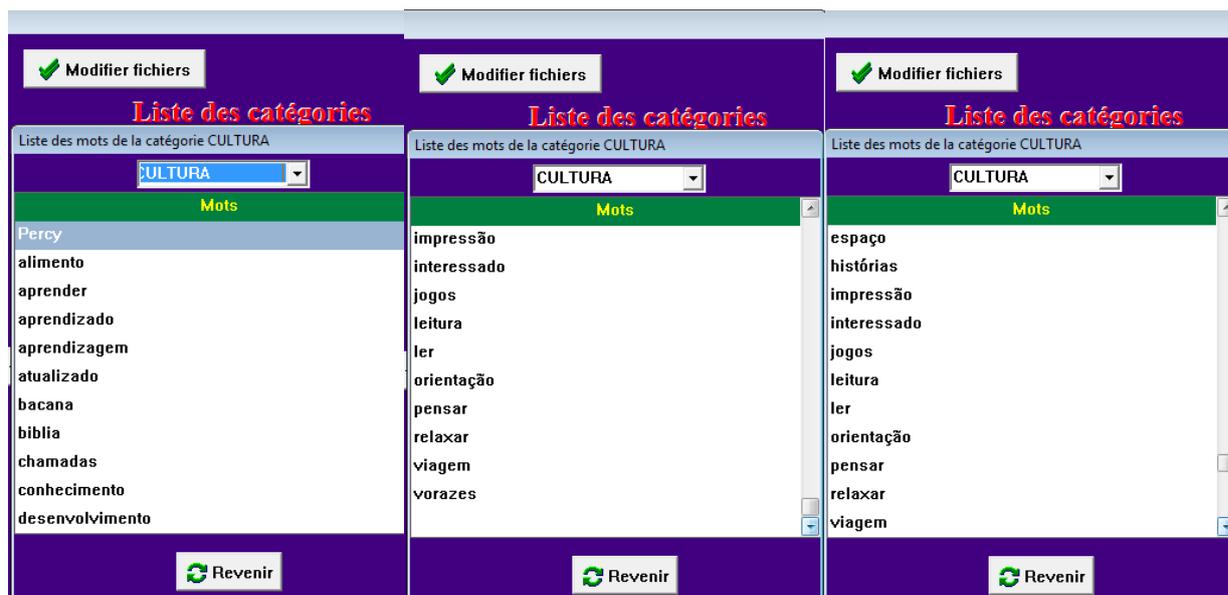
Portanto, Maria (2009) exprime um significado em que a leitura é a mais extraordinária forma de se ampliar o vocabulário, pois no processo de leitura, seja com a presença ou ausência do professor e do bibliotecário, com a utilização da tecnologia ou sem a mesma, o usuário amplia sua forma de conhecimento ao praticá-la.

Observamos que os alunos, ao listarem a ordem de preferência das palavras que levaram a categorização de saberes o fizeram pelo entendimento que hoje possuem da sala de leitura a qual freqüentam e de acordo com Bloom (apud MARIA, 2009), ao realizarmos a leitura por vários motivos, o fazemos por vários

motivos, que vão desde buscar conhecimentos próprios como de outros, como das coisas presentes em nossas vidas.

Na segunda categoria, observamos o aparecimento da palavra cultura que também faz parte de seu significado de acordo com a percepção dos alunos. Segue abaixo a categorização das palavras agrupadas.

Quadro 4 - CATEVOC - 2º CATEGORIA - CULTURA



Fonte: pesquisa de campo EVOC (2013)

Na identificação desta segunda categoria, a cultura, elencamos a necessidade de se observar que ensino, aprendizagem e prática da leitura são processos inseparáveis, pois ao ler, o aluno passa a traduzir aquilo que o texto representa, ou seja, em linguagem. (MORAIS, 2013)

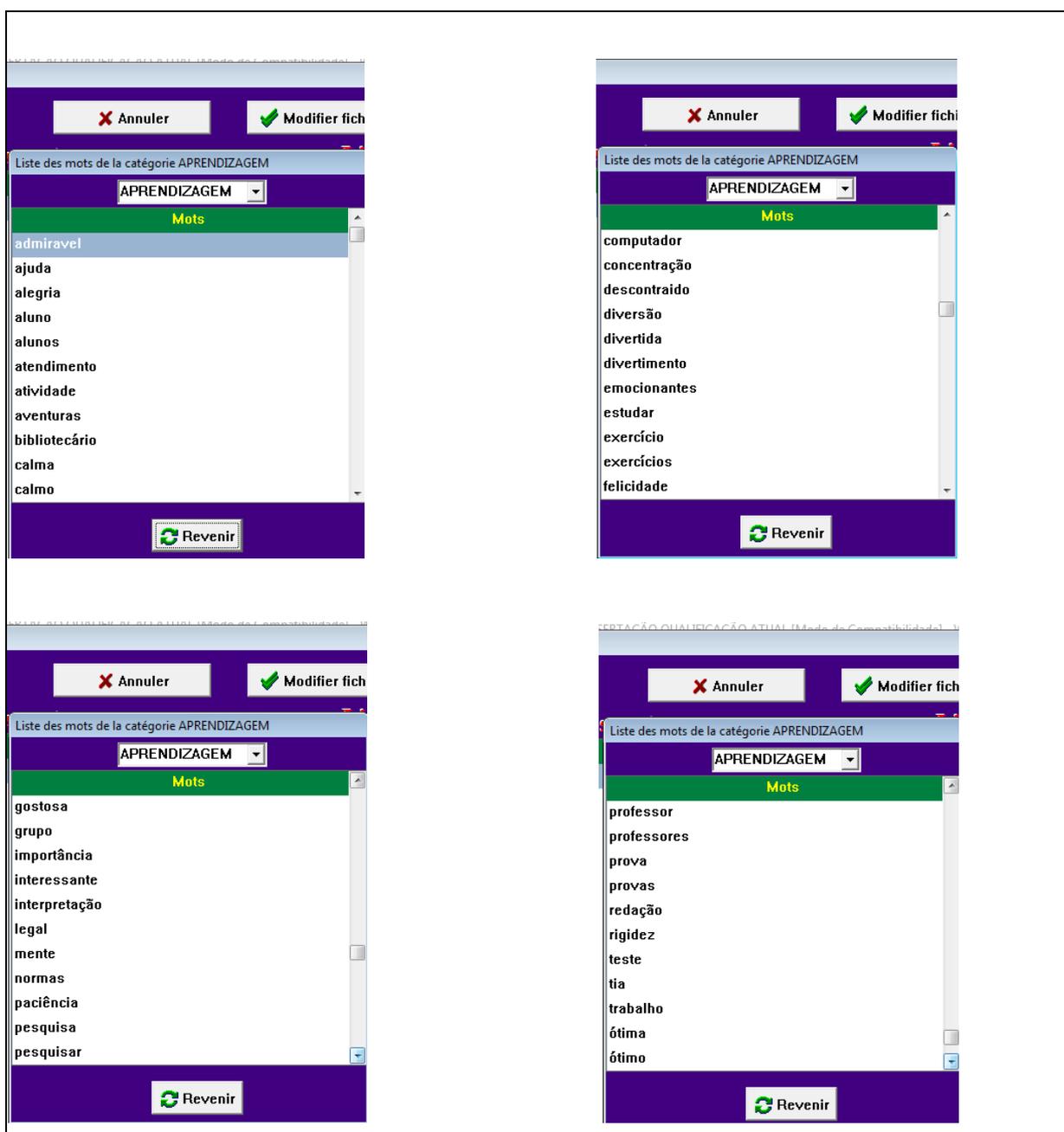
As palavras evocadas trazem os significados da cultura como alimento, aprendizado, conhecimento, leitura, orientação, viagem, história e jogos entre outros, o que demonstra a necessidade da busca por informações, pois a leitura além de enriquecer o vocabulário proporciona a descoberta da linguagem falada e da linguagem escrita. (MARIA, 2009)

Aliás, a biblioteca escolar é o espaço para o desenvolvimento de experiências criativas de uso de informação, pois pode, por meio de seu programa, aproximar o aluno de uma realizada que ele vai vivenciar no seu dia-a-dia, como profissional e como cidadão. (CAMPELLO, 2008)

Desse modo, quando trabalhamos dentro do ambiente escolar a escrita com os alunos, estamos ensinando-os a representar a linguagem oral para que ela sobreviva as demais gerações, pois é no ato da escrita baseado na fala de alguém que conseguimos identificar as palavras, frases e discursos, ou seja a representação do entendimento de leitura. (MORAIS, 2013)

Como terceira categoria, observamos o aparecimento da palavra aprendizagem. Segue abaixo a categorização das palavras agrupadas.

Quadro 5 - CATEVOC - 3º CATEGORIA - APRENDIZAGEM



Fonte: pesquisa de campo EVOC (2013)

De acordo com Morais (2013), o processo de amadurecimento da leitura a partir das categorias listadas acima é decorrente de uma formação dos professores e demais educadores que podem melhorar o processo de aprendizagem dos alunos evitando levá-los a desmotivação se entendermos o processo cognitivo que ela possui, conhecendo as relações das aquisições do saber ler e identificando com o máximo de precisão as origens das dificuldades encontradas no ato de ler da criança.

A estimulação dos alunos a partir de projetos interdisciplinares, permite que eles saibam examinar um assunto sob diferentes ângulos, o que determina também a utilização de vários recursos informacionais em seus mais diferentes formatos (materiais impressos de vários tipos, recursos audiovisuais e eletrônicos, tais como cd-roms e internet). Assim, cabe ao professor abandonar um único tipo de didática, ou seja, as aulas expositivas como também a utilização de uma única fonte de informação utilizada: o livro didático. (CAMPELLO, 2008)

Nessa nova concepção de aula, quando planejada juntamente com a biblioteca escolar, encontram-se os benefícios da leitura partilhada (leitura em voz alta e de diversos materiais), que proporciona ao aluno a construção de um novo vocabulário, mas o que se identifica no meio sociocultural mais desfavorecido é a pobreza da linguagem de evocações. Em outras palavras, cabe a escola estimular a leitura em seu ambiente, como também no ambiente familiar do aluno, pois quando o processo de aprendizado passa a reunir esses dois lados sociais, ocorre o aumento do desenvolvimento da linguagem da criança, portanto o aumento do interesse em aprender. (MORAIS, 2013)

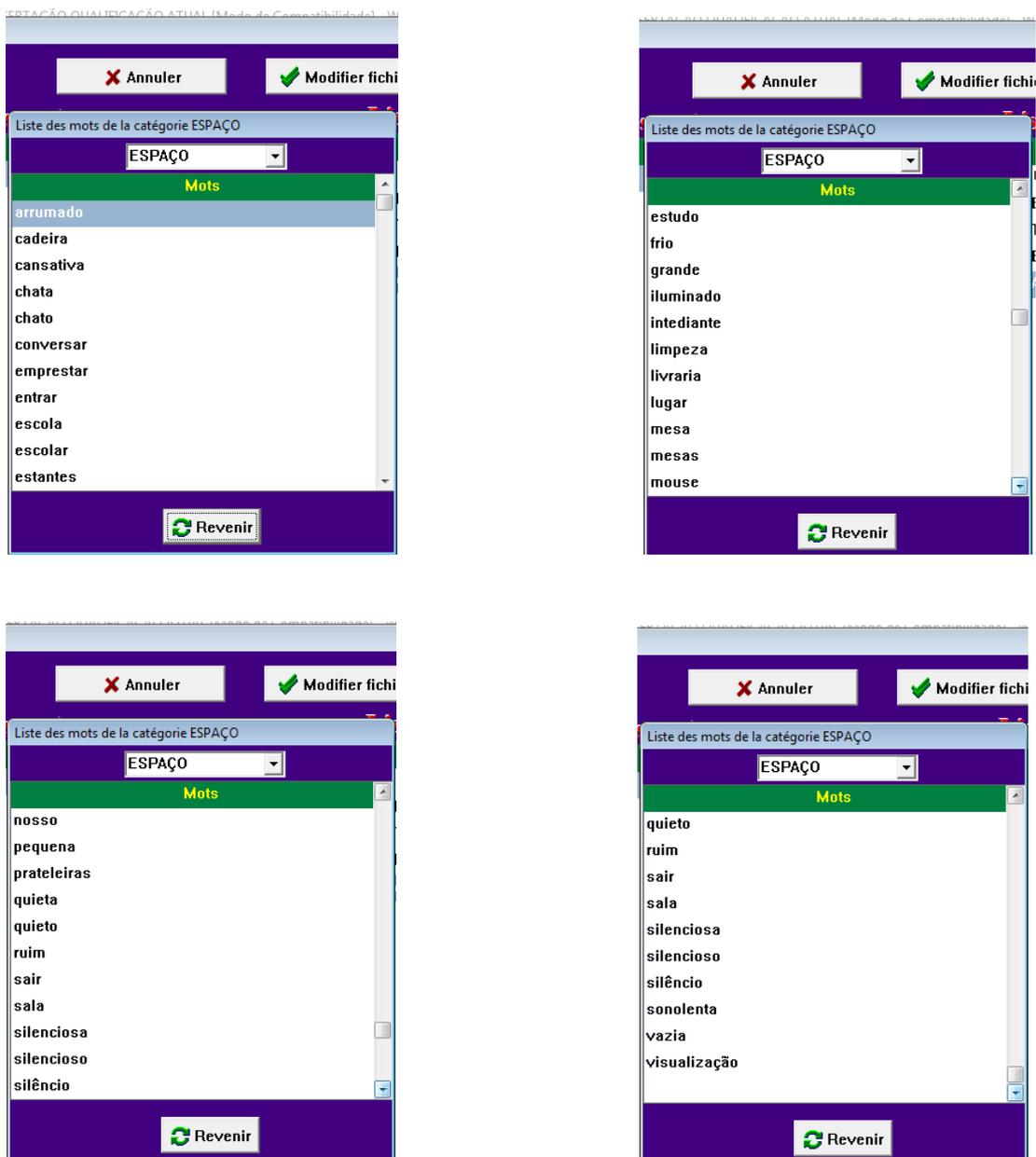
A influência do ambiente da biblioteca apresenta de forma clara e consistente quando aplicada a um programa de ensino e aprendizado, pois ao contar com um profissional especializado, uma equipe de apoio treinada, acervo atualizado e constituído por diversos tipos de materiais informacionais, resulta num melhor aproveitamento escolar do estudante, independente das características sociais e econômicas da comunidade onde a escola esteja inserida (ANDRADE, 2008).

Verificamos assim que, nosso cérebro é especialmente dinâmico, funcionando como uma biblioteca onde sempre caberão mais livros e que quanto

mais informações são armazenadas, mais ágil ele se torna para localizar o estoque antigo, ou seja, estamos em constante estágio de aprendizagem. (MARIA, 2009)

Como a fala dos alunos também representaram a percepção do espaço físico da biblioteca, o elencamos na pesquisa como nossa quarta categoria assim representado no quadro explicativo abaixo.

Quadro 6 - CATEVOC - 4º CATEGORIA - ESPAÇO



Fonte: pesquisa de campo EVOC (2013)

Para Côrte e Bandeira (2011), para que o espaço da biblioteca escolar esteja apto ao recebimento de seus usuários é necessário possuir pelo menos um

mobiliário composto por estantes, mesas, cadeiras, escadas, balcão de empréstimo, bibliocantos ou suporte de livros, fichários, expositores para livros, revistas e vídeos, quadro de avisos, armário, guarda-volumes e porta jornais. Completando esses mobiliários, é necessário a utilização de equipamentos eletrônicos como televisor, vídeo cassete, aparelho DVD, rádio, computadores com acesso a internet e copiadora.

Na pesquisa de campo, ao listarmos as evocações, escolhemos a categoria espaço em decorrência das respostas colhidas, tais como lugar silencioso, vazia, com prateleira, quieto e etc., assim, a escola que pretende investir na leitura como ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para a expressão genuína da criança e do jovem. Lugar que insistimos, para se gestar e praticar a troca espontânea que a leitura crítica proporciona, a leitura que inquieta, que faz pensar e reelaborar num autêntico processo de comunicação, cujo resultado é, sem dúvida, dos mais compensadores para as pessoas nele envolvidas, adultos e crianças, mediadores e leitores em formação (CARVALHO, 2008).

De acordo com Moscovici (2003 apud VILLAS BÔAS; VILLAS BÔAS FILHO, 2013, p.73),

toda representação social tem uma história e é constituída como processo no qual se pode localizar uma origem, mas que é sempre inacabada, à medida que os sujeitos agem por meio de suas representações da realidade, reformulando, constantemente, suas próprias representações.

Observamos que se o espaço que possuem bibliotecários não provarem que são capazes de provar que fazem diferença na escola, então eles não precisam existir e nem estarem presente nesse espaço. Logo, os bibliotecário atuantes nas bibliotecas escolares precisam buscar mecanismos para sistematizar o impacto dos projetos que são desenvolvidos na aprendizagem dos estudantes. (CAMPELLO, 2012)

Identificamos assim que, se a escola tem como meta formar leitores críticos e cidadãos preparados para atuar em sociedade, é necessário que ela esteja preparada desde a educação básica para o desenvolvimento de suas crianças, trabalhando espaços povoados pelas mais diversas formas de conhecimentos, ou seja de livros.

Portanto, o amor pela leitura nasce de uma pequena informação que interessa num livro, levando-o a próxima leitura, tornando-se assim uma progressão geométrica tendo como única finalidade o prazer pelo conhecimento. (MARIA, 2009)

Não podemos esquecer que a escola pública é o primeiro contato do aluno com os saberes, logo, também o primeiro contato com a leitura, com a informação, com o conhecimento, sendo necessário que a se tenha um ambiente criado a esse propósito e que recebe o nome de biblioteca.

Observamos que a construção de um espaço que promova o diálogo entre os usuários torna-se essencial dentro do ambiente escolar em virtude de estimular a leitura desde o ensino fundamental, ao médio como para o restante de sua vida não apenas para que o aluno leia, escreva ou fale e sim para pensar, criticar e expressar suas opiniões a uma sociedade que o cobra a partir do conhecimento escolar. (MARIA,2009)

Torna-se assim importante que o PPP, que contempla a biblioteca escolar, seja colocado em prática na utilização desse espaço para o desenvolvimento do senso crítico do aluno e que ao possuir um espaço voltado a prática da leitura, da circularidade de saberes e da elaboração de projetos escolares deve ser utilizado como um recurso didático pelos professores para o *feedback* de seus conteúdos ministrados em sala a partir da diversificação de materiais ali existentes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioteca no ambiente escolar está cada vez mais presente simultaneamente nas modalidades de ensino fundamental, médio e superior. Instituições de ensino buscam a racionalização dos ambientes e desta maneira cabe ao bibliotecário organizar e administrar as fontes de informação, utilizadas como recursos didático-pedagógicos bem como as de suporte informacional para a atualização, informação e pesquisa desses diferentes públicos.

Os gestores de bibliotecas de instituições escolares precisam planejar e oferecer serviços e produtos para atender os diferentes públicos (estudantes desde a pré-escola ao superior, professores e demais membros dessa comunidade educacional), e compreenderem as mudanças dos objetivos e das funções da biblioteca escolar.

Observamos na pesquisa realizada que os alunos, conhecidos como usuários no ambiente da biblioteca utilizam o espaço, que é adaptado dentro da escola para se tornar uma biblioteca e a representam dentro de quatro categorias elencadas aqui como saberes, cultura, aprendizado e espaço físico. Mas esse conhecimento do espaço ainda se encontra aliado a percepção de um espaço para reprodução da sala de aula, no qual o aluno é levado para realizar cópias, fazer trabalhos escolares e ficar de castigo.

Notamos também que as escolas pesquisadas não possuem bibliotecários formados no ensino superior em biblioteconomia e sim professores que são remanejados ao espaço pelos mais diversos motivos e que realizam a função de estarem presentes em decorrência de uma realocação de funções administrativas.

Assim converge-se que a atuação do professor no espaço da biblioteca escolar deve estar associada a prática biblioteconômica do bibliotecário, mas que ainda não se encontra presente nas escolas públicas pesquisadas, pois ambos possuem a finalidade de disseminação de conhecimentos acerca dos assuntos presentes no ambiente escolar.

Silva (1999) e Corrêa et al. (2002), contemplam que as escolas públicas além de já possuírem como agravante a precariedade de espaço físico [no qual as bibliotecas são instaladas em salas de aulas desativas ou em arquivos] e acervos desatualizados, elas acabam tendo como gerentes do espaço profissionais de

diversas áreas, principalmente da educação, nos quais destacamos como professores e funcionários de diversos departamentos da escola, que geralmente são readaptados e aguardam os créditos para a aposentadoria.

A partir dessa percepção fornecida pelos alunos do ensino fundamental sobre a representação da biblioteca escolar cabe a necessidade de inserção do profissional bibliotecário não somente para a organização do espaço físico, como para o desenvolvimento de coleções, indexações e catalogações dos materiais ali existentes, mas para o auxílio aos professores das mais variadas disciplinas como da utilização das novas tecnologias da informação e comunicação que precisam estar intercaladas no cotidiano da biblioteca para potencialização de serviços e produtos.

Portanto, no mundo globalizado, saber manusear tecnologias tornou-se tão importante como ler e escrever, assim, as bibliotecas precisam estar preparadas para dinamizar os processos de aprendizagem que envolve desde o acesso aos documentos nos diferentes suportes e tipologias documentais até mesmo oferecer locais adequados para o uso da informação que requerem planejamento na gestão de ambientes multimídia, como a escolha de equipamentos, de softwares, e até mesmo o delineamento de treinamentos individuais ou em grupos.

A biblioteca escolar, na figura do bibliotecário precisa saber desenvolver ações para estimular o prazer da leitura nos diferentes níveis, processos e situações. Tal tarefa influenciará diretamente a vida de toda a comunidade educacional e possibilitará o desenvolvimento pleno do ser humano no qual são fundamentais competências e habilidades de cunho educativo, intelectual, cultural, social e tecnológico, necessitando assim do desenvolvimento em conjunto do professor e bibliotecário dentro deste ambiente.

Observou-se também a partir da coleta de informações, que o espaço da biblioteca se encontra presente na escola, tendo o apoio de um profissional, que é conhecido pelos alunos, mas que ainda não realiza atividades de interação com os professores para que se tenha um espaço de organização de atividades voltadas a dinamização e de despertar do senso crítico, pois é um espaço que existe ainda com a concepção de extensão de sala de aula para realização de trabalho escolares.

Cabe à escola, por meio da coordenação pedagógica, durante as jornadas de realização do planejamento escolar, realizar a associação do plano de ensino do professor com a biblioteca, como também dos profissionais da educação

(professores e bibliotecários) desenvolverem por meio do diálogo e projetos escolares a circularidade de saberes aos alunos como forma a despertar novos conhecimentos e questionamentos a partir do ensinamento de sala de aula.

Percebemos durante a pesquisa que a leitura passa a favorecer mais e melhor a consciência tornando os alunos aptos a dar sentidos as suas próprias experiências a partir da vivência pessoal, pois a leitura passa a oferecer aos alunos a amplidão do patrimônio cultural humano (MARIA, 2009).

Voltamos a falar na importância do bibliotecário no ambiente da biblioteca escolar que contempla hoje em sua matriz curricular a disciplina biblioteca escolar para que possa identificar e saber desenvolver uma linguagem mais pedagógica no contato com alunos, professores e membros da comunidade escolar.

Para tanto, no espaço escolar, torna-se necessário a presença do espaço físico com uma infraestrutura necessária para que o espaço esteja acessível ao que a ela, que possua livros e demais materiais atualizados nas várias áreas do conhecimento e adequados as idades dos alunos que a frequentam, e que sejam destinados a leitura de seu público, acompanhando a contemporaneidade a qual nos encontramos, como também a criatividade do profissional que ali se encontra presente no despertar da curiosidade de seu público para as literatura clássicas, para a compreensão da escrita, do texto, da vida.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Vera Lúcia F. Gonçalves. Pesquisa escolar. In: CAMPELO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.25-28. (biblioteca escolar, 1)

ABREU, Vera Lúcia F. Gonçalves. A coleção da biblioteca escolar. In: CAMPELO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.29-32. (biblioteca escolar, 1)

AGUIAR, Eliane do Socorro de Souza. **Análise do processo de reformulação do projeto político-pedagógico do curso de Educação Física da UEPA: ação regulatória e emancipatória**. 2009, 102p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2009.

APOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2006.

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.13-15. (biblioteca escolar, 1)

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro; UFRJ, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições70, 2011.

BARROS, A. de J. P. de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BASTOS, Gustavo G; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Os sujeitos-escolares e a biblioteca: um estudo discursivo**. Disponível em: < > Acesso em: 02 abr. 2012.

BIBLIOTECA Hans Christiaan Andersen. Disponível em: < <http://bibliotecacontosdefadas.wordpress.com/>> Acesso em: 1 nov. 2013.

BIBLIOTECA Viva. Disponível em: <<http://bijmlobato.blogspot.com.br/>> Acesso em: 1 nov.2013.

BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. In: Nogueira, M,A; ROMANELLI, G; ZAGO, N. (org.). **Família e escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.171-183.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRASIL. **Lei n.º 12.244**: dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm)> Acesso em: 20 set.2013.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Biblioteca escolar, 3)

\_\_\_\_\_. A competência informacional na educação para o século XXI. In: CAMPELO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.8-11. (biblioteca escolar, 1)

\_\_\_\_\_. Biblioteca e parâmetro curriculares nacionais. In: CAMPELO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.17-19. (biblioteca escolar, 1)

CARVALHO, Maria da conceição. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.21-23. (biblioteca escolar, 1)

CASTORINA, José A. A Teoria das representações sociais e a psicologia de Vygotsky: o significado de uma análise comparativa. In: ENS, Romilda T; VILLAS BÔAS, Lúcia P.S; BEHRENS, Marilda A. (orgs.) **Representações sociais**: fronteiras, interfaces e conceitos. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013. p.37-64.

CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Livros-Ninhos e Leitores-Passarinhos: outros sentidos de documento. In: CRIPPA, Giulia; MOSTAFA, Solange Puntel. **Ciência da Informação e Documentação**. Campinas: Alínea, 2011. p.55-69.

CONDURÚ, Marise Teles; MOREIRA, Maria da Conceição Ruffeil. **Produção científica na universidade: normas para apresentação**. 2 ed. Belém: EDUEPA, 2007.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; et al . Bibliotecário escolar: um educador?. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2002, p. 107-123. Disponível em: < <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/458>> Acesso em: 30 out. 20013.

CORTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Brique de Lemos, 2011.

COSTA, M. V. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: (org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

CURY, C. R. J. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação**. N.2, Mai/Jun/Jul/Ago., 1996.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n.115, p.139-154, mar.2002. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>> acesso em: 10 jul.2012.

ESTEBAN, M.Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Questões da nossa época, 13)

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HUGLHES, John. **Clube dos cinco**. EUA: UP, 1985. 1 DVD ROM, 1h37minutos, color.

IFLA - INTERNATIONAL FEDERATION LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. Tradução de Maria José Vitorino. IFLA, 2006.

\_\_\_\_\_. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução Neusa Dias Macedo. São Paulo: IFLA, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Traduzido por Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009

KONDER, L. **O Futuro da Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca escolar**: um programa de atividades para o ensino fundamental. 3 ed. Belo Horizonte: autêntica, 2009.

GAMBOA, S. S.; SANTOS, J. C. **Pesquisa Educacional**: quantidade - qualidade. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2010.

IMBERNÓM, F. (Org.) **A educação no século XXI**: os desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artmed, 1994.

Infante Dom Fernando. **Visita a biblioteca**. Disponível em:  
<[http://infantedomfernando.blogspot.com.br/2012\\_05\\_01\\_archive.html](http://infantedomfernando.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html)> Acesso em:  
02 nov. 2013.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro; UFRJ, 2000. p. 21-44.

LOURENÇO FILHO, M.B. **O Ensino e a biblioteca**. Conferência da série Educação e biblioteca, 1, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2001.

MACHADO, L. R. de S. **Politécnica, escola unitária e trabalho**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991.

MAIA, Manuela Eugênio; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Sobre o PPP e as questões curriculares do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba. *Biblionline***, v.2, n.2, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2006v11n22p158/370>>acesso> em: 19 jun. 2012.

MACEDO, Neusa Dias. **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Senac São Paulo, Conselho Regional de Biblioteconomia - 8ª. Região, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro**: ser leitor - que diferença faz? São Paulo: Globo, 2009.

MAROTO, Lúcia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1996.

MASSETO, Marcos (org.). **Docência na Universidade**. Campinas: Papyrus, 1998.

MIGUEL, Emilio Sánchez; PÉREZ, J. Ricardo García; PARDO, Javier Rosales. **Leitura na sala de aula**: como ajudar os professores a formar bons leitores. Porto Alegre: Penso, 2012.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORAIS, José. **Criar leitores**: para professores e educadores. Barueri: Manole, 2013.

OLIVEIRA, Irani Sebastião de. **O projeto político-pedagógico no ensino superior: CP/FE/UFG**. 2000, 176p. Dissertação (Mestrado) - Universidade estadual Paulista, São Paulo, 2000.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2006.

PORTO, Leonardo Sartori. **Filosofia da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do indivisível ao divisível. In: VON SIMSON, O.M. (org.). Experimentos com história de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, **Revista dos Tribunais**, v.5, 1998, p. 68-80.

ROCA, Glória Durban. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola**. Porto Alegre: Penso, 2012.

RUIZ, João Álvaro Ruiz. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 2010.

SEDUC. **Portal de consulta da Escola**. Disponível em: <  
[http://www.seduc.pa.gov.br/portal/escola/consulta\\_matricula/RelatorioMatriculas.php?ano\\_letivo=2012](http://www.seduc.pa.gov.br/portal/escola/consulta_matricula/RelatorioMatriculas.php?ano_letivo=2012)> Acesso em: 29 mar. 2013.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Questões da nossa época, 45)

TARDIF, M. **Saberes docentes e Formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Prática**, n.4, 1991.

TÁVORA, M. J. S. **Projeto político-pedagógico no Brasil: o estado da arte**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Unesp, Marília.

TEIXEIRA, Elizabeth. Terceira metodologia. In: TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis: vozes, 2010.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Educação básica: projeto político-pedagógico, educação superior - projeto político-pedagógico**. Campinas: papiros, 2004. (Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

VILLAS BÔAS, Lúcia P.S; VILLAS BÔAS FILHO, Orlando. Teoria das representações sociais e história das mentalidades: a transversalidade do conceito de representações. In: ENS, Romilda T; VILLAS BÔAS, Lúcia P.S; BEHRENS, Marilda A. (orgs.) **Representações sociais: fronteiras, interfaces e conceitos**. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013. p.65-88.

WEISZ, Telma; SANCHES, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2004.

## APÊNDICE A- TERMO DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ofício s/n

Belém, 01 junho de 2013.

Ementa - Pesquisa (Coleta de dados)

Senhora Secretária,

A Universidade do Estado do Pará através do Programa de Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa "Formação de Professores" há oito anos vem fomentando, desenvolvendo e dando resultados de pesquisas voltadas para a Educação. Atualmente estamos em fase de coleta de dados da pesquisa "As representações dos sujeitos escolares sobre a biblioteca, desenvolvida pela mestranda Angela Cristina dos Santos, cujos objetivos são: analisar a atuação do profissional da biblioteca a partir da expectativa dos sujeitos escolares; Verificar a relação entre formação acadêmica e profissional do bibliotecário; Identificar aspectos convergentes e divergentes entre a atuação do bibliotecário e sua formação profissional e perceber a atuação do bibliotecário dentro do ambiente escolar.

Neste sentido, vimos solicitar de Vossa Senhoria autorização para a realização da pesquisa.

Segue em anexo os instrumentos de pesquisa. Aproveitamos o ensejo para apresentar a Vossa Senhoria os protestos do nosso profundo respeito.

Profª Drª. Tânia Lobato  
**Coordenadora do Programa de Mestrado em Educação da UEPA**

## APÊNDICE B - TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

### TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO CONSENTIMENTO

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: **Angela Cristina dos Santos**  
DADOS DA PESQUIADORA: **Av. Gentil Bitencourt n.2535, Edifício Ruth Maria apt. 404-  
São Brás - Belém/PA, CEP: 66063-022.**  
TÍTULO DA PESQUISA: **As Representações dos sujeitos escolares sobre a  
biblioteca.**

Caro (a) aluno,

Venho por meio deste documento, convidá-lo (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa acima citada, que está sendo desenvolvida por mim, discente/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará/Mestrado em Educação - turma 2011, pesquisa esta orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Josefa de Souza Távora. Cujo objetivo é analisar a atuação do profissional da biblioteca a partir da expectativa dos sujeitos escolares. Contudo faz-se necessário obter as informações por meio de entrevistas semi-estruturadas, que serão gravadas e transcritas por mim.

Neste sentido esclareço os procedimentos para a consolidação desse processo de coleta de dados:

- 1º **Síntese do projeto**, contendo o problema, objetivos e metodologia da mesma;
- 2º **Risco ou reações**: as coletas de dados serão feitas por meio das entrevistas, baseadas por um roteiro com eixos que nortearão as perguntas, deixando claro que tal coleta não possui riscos ou reações aos entrevistados;
- 3º **Benefícios**: será de caráter colaborativo com os resultados deste relatório de pesquisa, com a produção de conhecimento em nossa região auxiliando na reflexão sobre o perfil deste profissional na atuação em bibliotecas escolares, e outros estudos e publicações vindouras que possam contribuir para o debate.
- 4º Participação **voluntária**: a participação do/a entrevistado/a não tem caráter obrigatório, ficando este livre para interromper no momento que julgar necessário;
- 5º **Despesas**: o/a entrevistado/a voluntário/a não terá nenhuma despesa referente à pesquisa, assim como não receberá nenhum benefício financeiro;

**6º Confidencialidade:** a pesquisadora assegurará ao (à) senhor (a) sua identidade sob sigilo e anonimato. Utilizando nomes fictícios para fazer referencia dados do/as entrevistados/as, e assim preservar suas identidades.

## **DO CONSENTIMENTO**

As informações explicitadas neste documento intitulado TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO CONSENTIMENTO, a pesquisadora respondeu todas dúvidas surgidas neste primeiro momento e se responsabilizou em responder todas e quaisquer dúvidas que surgirem durante todo o processo da pesquisa, até minha completa satisfação. Portanto estou de acordo em participar do referido estudo, assino este documento, dada a informação que o mesmo será arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Nº de ID: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C - DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DA PESQUISADORA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO  
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

### DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DA PESQUISADORA

Expliquei e esclareci a natureza, objetivos, riscos, benefícios desta pesquisa. O/A entrevistado/a compreendeu as informações dadas e aceitou a assinar este consentimento. Ressalto que a dinâmica de **transcrição da entrevista**, em o que o/a mesmo/a participará de outro momento para tomar conhecimento e discutir tudo o que foi relatado (validação), tendo o/a entrevistado/a total direito acrescentar, excluir ou modificar qualquer declaração realizada por sua pessoa na transcrição. Eu na condição de pesquisadora assumo o compromisso de utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o/a entrevistado/a tiver qualquer dúvida sobre tais procedimentos e da confiabilidade desta pesquisa, procurar a Coordenação do PPGED/CCSE/UEPA pelos fones: 4009-9552, falar com a professora Dr<sup>a</sup> Tânia Lobato.

Assinatura da pesquisadora responsável: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DE PESQUISA AOS ALUNOS

Este entrevista semiestruturada tem como finalidade responder aos questionamentos e objetivos da pesquisa de Mestrado em Educação, na linha de Formação de Professores da aluna Angela Cristina dos Santos, tendo como orientadora a Prof<sup>a</sup>. PHD. Maria Josefa de Souza Távora, possuindo como título "**as representações dos sujeitos escolares sobre a biblioteca**".

Obrigada pela colaboração!

### BLOCO I - DADOS PESSOAIS:

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Série: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

### BLOCO II - INFORMAÇÕES DO OBJETO DE PESQUISA:

1. Sua escola possui biblioteca: ( ) sim ( ) não. Se sim, qual o horário de funcionamento? \_\_\_\_\_

2. Possui um bibliotecário: ( ) sim ( ) não. Se sim, ele sempre está presente neste ambiente? ( ) sim ( ) não

3. Você procura sempre a biblioteca? ( ) sim ( ) não. Quais atividades você desenvolve lá? \_\_\_\_\_

4. Você solicita a ajuda do bibliotecário? ( ) sim ( ) não

5. Qual sua relação com o bibliotecário e com a biblioteca escolar?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. Seu professor leva você à biblioteca? ( ) sim ( ) não

7. Como são trabalhados os conteúdos de aula na biblioteca escolar? \_\_\_\_\_

8. Quais atividades seu professor realiza na biblioteca?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. A biblioteca e o bibliotecário se encontram atualizados para desenvolverem atividades com você? ( ) sim ( ) não. Justifique: \_\_\_\_\_

10. Seu professor pede ajuda ao bibliotecário para o desenvolvimento das atividades? ( ) sim ( ) não

**Código de Identificação na pesquisa \_\_\_\_\_(preenchido pela pesquisadora)**

Quando você ouve a palavra "biblioteca" ou "sala de leitura" o que lhe vem a mente? Escreva essas palavras soltas que rapidamente você associa a essa palavra. No final enumere em ordem crescente as mais importantes.

(garantir 2 minutos para escrever as palavras)

1. \_\_\_\_\_ ( )
2. \_\_\_\_\_ ( )
3. \_\_\_\_\_ ( )
4. \_\_\_\_\_ ( )
5. \_\_\_\_\_ ( )
6. \_\_\_\_\_ ( )
7. \_\_\_\_\_ ( )
8. \_\_\_\_\_ ( )
9. \_\_\_\_\_ ( )
10. \_\_\_\_\_ ( )
11. \_\_\_\_\_ ( )
12. \_\_\_\_\_ ( )

Angela Cristina dos Santos  
Aluna do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação – UEPA

Programa de Pós-Graduação em Educação  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Trav. Djalma Dutra s/n  
66050.540 - Belém-Pará  
[www2.uepa.br](http://www2.uepa.br)

